

CARTOGRAFIA DAS AUSÊNCIAS NA FRONTEIRA TRINACIONAL

Andréa Luiza Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Professora doutora Andréia Moassab

Coorientador: Professor doutor Leo Name

Foz do Iguaçu
2022

ANDRÉA LUIZA RODRIGUES

CARTOGRAFIA DAS AUSÊNCIAS NA FRONTEIRA TRINACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Tecnologia, Infraestrutura e Território da
Universidade Federal da Integração
Latino-Americana, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

BANCA EXAMINADORA

Professora doutora. Andréia Moassab
UNILA

Professora doutora. Patricia Zandonade
UNILA

Professor doutor Leo Name
UFBA

Arquiteto Oswaldo Freitez

Foz do Iguaçu, 01 de abril de 2022.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo da autora: Andréa Luiza Rodrigues

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Trabalho de conclusão de curso de graduação

Título do trabalho acadêmico: **Cartografia das Ausências na Fronteira Trinacional**

Orientadora: Professora doutora Andréia Moassab

Coorientador: Professor doutor Leo Name

Data da Defesa: 01/04/2022

Licença não-exclusiva de Distribuição

Eu, Andréa Luiza Rodrigues, declaro que o documento entregue é meu trabalho original, sobre o qual detenho o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declaro também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto me é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade. Declaro, ainda, que o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor. Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado autorizo a Biblioteca LatinoAmericana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública Creative Commons Licença 3.0 Unported.

Foz do Iguaçu, 01 de abril de 2022.

Andréa Luiza Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Aos professores e professoras por todo o apoio e orientações em toda a minha formação acadêmica, desde 2014 até os momentos finais da composição desta pesquisa. Espero que esta ainda possa ser uma pesquisa continuada que irá ajudar a compor ainda mais narrativas e reflexões sobre o território trinacional e produções acadêmicas. Aos meus pais e irmãos pelo apoio e companheirismo durante toda minha trajetória. Aos meus companheiros de curso e bateria universitária que tiveram importante papel no equilíbrio e construção da formação acadêmica.

RODRIGUES, Andréa Luiza. **CARTOGRAFIA DAS AUSÊNCIAS NA FRONTEIRA TRINACIONAL**. 2022. 79.p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de graduação faz uma análise crítica das formas de representação nos mapas turísticos na cidade de Foz do Iguaçu, no oeste do Estado do Paraná, e das ausências, isto é, aquilo que não está mapeado. Os mapas como elementos importantes nas disputas de narrativa sobre o território definem o que existe e o que não-existe e se direcionam a determinado público. Tanto os mapas físicos distribuídos pelos hotéis de diferentes pontos da cidade como aquele produzido pela Secretaria Municipal de Turismo estabelecem um claro diálogo com o turismo de massa, limitando o território e a cultura local aos únicos atrativos turísticos desproporcionalmente representados. O trabalho propõe, portanto, uma reflexão quanto às invisibilidades de regiões, fatos, culturas e grupos na representação gráfica do território urbano, as quais têm, inclusive, colaborado para preconceitos, jocosidade, racismo e xenofobia contra moradores, moradoras e grupos sociais da cidade. Desta maneira, por meio do debate, principalmente, de Harley Brian (2009), Mônica Nunes (2016), Boaventura de Sousa Santos (2002), Andréia Moassab (2008), Leo Name (2015), Oswaldo Freitez (2018) apresento os “anti-mapas”, uma representação daquilo que “não-está”, colaborando, ainda que modestamente, para reverter os processos históricos de invisibilidades na região. Ainda, amplio o território mapeado para toda a região fronteiriça, na medida em que há uma relação orgânica entre as cidades de Foz do Iguaçu, no Brasil, Ciudad del Este, no Paraguai e Puerto Iguazu, na Argentina. Procuro, então, cultivar uma outra forma de percepção da região de fronteira, com foco, sobretudo, nas pessoas que aqui vivem e, muitas vezes, desconhecem o território e potenciais turísticos fora dos padrões de massa. Pretendo, assim, que a população fronteiriça se reconheça no mapa, valorizando o território e a cultura local, e que, ao mesmo tempo os e as visitantes possam desfrutar da região para além dos célebres marcos turísticos.

Palavras-chave: cartografia, desenho, mapa, turismo, representação gráfica.

RODRIGUES, Andréa Luiza. **CARTOGRAFIA DE LAS AUSENCIAS EN LA FRONTERA TRINACIONAL**. 2022. 79.p. Tesis de conclusión de curso (Gradución en Arquitectura y Urbanismo) – Universidade Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMEN

La presente tesis de conclusión de curso de graduación hace un análisis crítico de las formas de representación en los mapas turísticos de la ciudad de Foz do Iguaçu, en el oeste del Estado de Paraná, y de las ausencias, o sea, lo que no está mapeado. Los mapas como elementos importantes en las disputas narrativas sobre el territorio definen lo que existe y lo que no existe y están dirigidos a un público determinado. Tanto los mapas físicos distribuidos por los hoteles en diferentes puntos de la ciudad como el elaborado por la Secretaría Municipal de Turismo establecen un claro diálogo con el turismo de masas, limitando el territorio y la cultura local a los únicos atractivos turísticos desproporcionadamente representados. El trabajo propone, por tanto, una reflexión sobre las invisibilidades de regiones, hechos, culturas y grupos en la representación gráfica del territorio urbano, que incluso han contribuido al prejuicio, la jocosidad, el racismo y la xenofobia contra los habitantes y grupos sociales de la ciudad. De esta forma, a través del debate, principalmente de Harley Brian (2009), Mônica Nunes (2016), Boaventura de Sousa Santos (2002), Andréia Moassab (2008), Leo Name (2015), Oswaldo Freitez (2018) presento la “antimapas”, una representación de lo que “no es”, colaborando, aunque modestamente, a revertir los procesos históricos de invisibilidades en la región. Además, extendiendo el territorio mapeado a toda la región fronteriza, ya que existe una relación orgánica entre las ciudades de Foz do Iguaçu, en Brasil, Ciudad del Este, en Paraguay y Puerto Iguazú, en Argentina. Busco así, cultivar otra forma de percepción de la región fronteriza, enfocándome, sobre todo, en las personas que viven aquí y, muchas veces, desconocen el territorio y el potencial turístico fuera de los estándares masivos. Por eso, quiero que la población fronteriza sea reconocida en el mapa, valorando el territorio y la cultura local, y que, al mismo tiempo, los visitantes puedan disfrutar de la región más allá de los famosos hitos turísticos.

Palabras clave: cartografía, dibujo, mapa, turismo, representación gráfica.

SUMÁRIO

MINHAS OBVIEDADES POSSUEM MAPAS COMPLEXOS	6
OS MAPAS MENTEM	24
ANTI-MAPAS	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
BIBLIOGRAFIA	67
APÊNDICES	71

Na página seguinte, Iconoclastas, 2008. >

MINHAS OBVIEDADES POSSUEM MAPAS COMPLEXOS

O título deste capítulo de abertura é uma frase do escritor Caio Fernando de Abreu a anunciar a apresentação do presente trabalho de conclusão de curso em arquitetura e urbanismo e como ele de certa forma alinhava a minha trajetória de vida com meus anseios profissionais. Procurei realizar uma abordagem crítica propositiva às formas de representar as ausências nos mapas turísticos atualmente disponíveis acerca de Foz do Iguaçu, na região oeste do estado brasileiro do Paraná. O produto final desta pesquisa - os anti-mapas - resultam da aplicação das habilidades adquiridas durante a graduação, das metodologias e fundamentações teóricas e da produção de conhecimento por meio de sínteses visuais apresentadas em linguagem gráfica.

Ao mesmo tempo, o curso possibilitou organizar tecnicamente a minha vivência no território de Foz do Iguaçu, já que aqui nasci e cresci. Para os moradores e moradoras, as formas de representar a cidade parecem fora do lugar, desfocadas, e não os inclui. Com o intuito de vender uma imagem a turista à região, exclui-se das representações muito da vida, da história e dos sentidos que as pessoas impregnam ao território cotidianamente. Escolher este tema, portanto, diz respeito à minha história ou melhor, às minhas ausências e de quem aqui habita, nos materiais informativos sobre a cidade e região.

Trata-se, conseqüentemente, de desenvolver uma análise crítico-propositiva, isto é, examinar os mapas turísticos de Foz do Iguaçu, identificar as ausências e propor, ao final, os anti-mapas, o avesso dos mapas turísticos. Assim sendo, este trabalho tem relação com o eixo de instrumentação em leitura e representação, o qual “visa a preparar o futuro profissional a compreender que o desenho e as representações projetuais inserem-se em contextos histórico-político-culturais e colocam a arquitetura como prática profissional significativa na delimitação identitária dos povos. Portanto, os sistemas de representação em arquitetura e urbanismo são sistemas sógnicos fundamentais tanto para a leitura das realidades quanto para uma intervenção consciente” (PPC- ARQUITETURA E URBANISMO, 2014, p.32). Em paralelo, ele dialoga com as disciplinas de planejamento do eixo atelier integrado e com a perspectiva analítica do eixo de instrumentação crítica.

Partindo de minha experiência vivida no período de estágio supervisionado em uma Autarquia do Município de Foz do Iguaçu. O órgão Instituto de Transportes e Trânsito da cidade (FOZTRANS), onde neste permaneci pouco mais de 2 anos no setor de Engenharia de Tráfego. Diante disso, tive o contato massivo e diário com os mapas municipais do sistema viário básico, planejamento, zoneamento, expansão de vias, estudos de impacto de vizinhança e etc... Estas análises constantes destes mapas ocorriam para que pudessem ser realizados as dinâmicas e atividades demandadas pelo setor em seus procedimentos. Durante os desenvolvimentos de minhas atividades era necessária a realização de deslocamentos e trânsito constante por todo o município, pois, a análise das situações muitas vezes precisava de fotos, medidas, constatações e compatibilização de dados atualizados para a conclusão da demanda.

Desta forma, o conhecimento adquirido por esta rotina de fluxo por todas as regiões da cidade (posso dizer que ao longo dos 2 anos, pude realmente visitar todas as regiões e bairros), em que a memorização era fundamental para a otimização e desenvolvimento das atividades. Meu conhecimento quanto à localização, disposição dos bairros e formas de acesso foram gravados em minha memória de forma intensiva.

Durante uma pesquisa quanto a forma de representação em mapas temáticos do município e de outras localidades armazenados no acervo pessoal de minha supervisora, me deparei com o que viria a ser o foco desta crítica, mapas turísticos de Foz do Iguaçu utilizados e distribuídos aos visitantes. O espanto ocasionado pela forma em que a representação fora realizada, apagando partes da cidade de tal forma que eu como cidadã do município indignação pela forma em que se resumia o território de forma ríspida e apenas comercial.

Como uma cidade em toda sua complexidade poderia ser representada com uma supervalorização de determinados pontos turísticos no qual transmite uma leitura de superficialidade perante todas as outras particularidades, qualidades, culturas e atividades presentes no território? Quais os impactos para a leitura do território que isso implica? Como ocorre o auto conhecimento da população em um mapa deste?

A elaboração de mapas é uma habilidade presente em diversas espécies, como no caso das abelhas, que as transmite através de vibrações codificadas ou então as formigas, que deixam rastros de cheiros para indicar onde há comida ou o caminho de casa. Estes exemplos tratam-se de formas desenvolvidas por estes animais para explicar caminhos. O ser humano mesmo, antes de desenvolver o que hoje reconhecemos como “linguagens de palavras” em diversas línguas, já dava indícios de mapeamentos e retratos de lugares através de desenhos e gravuras nas paredes rupestres do período pré-histórico.

Como dito por Harley (2009, p.2) sobre os mapas, “Eles são considerados imagens que contribuem para o diálogo num mundo socialmente construído”. Ainda em Harley ressaltou: “Pela seletividade de seu conteúdo e por seus símbolos e estilos de representação, os mapas são um meio de imaginar, articular e estruturar um mundo [...] (2009, p.2). Aceitando-se tais premissas, torna-se mais fácil compreender e analisar a forma de concepção destes mapas que serão analisados neste trabalho. Os mapas analisados ilustram hegemonias da forma como grandes representações políticas de poder e influência na produção destes materiais exercem influência na seleção da informação. Assim, buscamos refletir também quanto às formas de poder e seus reflexos na produção destes conteúdos. Que direcionam à roteiros do leitor apenas com base nas informações de atrativos e pontos apresentados. Ao final propor o oposto, na tradução de algumas ausências.

Existem diversos empreendimentos de grandes redes e famílias que possuem grandes influências no comércio de diversos segmentos da cidade. Estes também fazem parte de produções gráficas que serão apresentadas neste trabalho, isso mostra brevemente uma forma de exercer o poder na representação gráfica e direcionamento às atividades desejadas. Mônica Nunes, em seu artigo ***Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo***, destaca que: “A produção cartográfica está ligada aos contextos históricos e ideológicos das sociedades; ela pode revelar ou omitir informações segundo os objetivos de quem detém a autoridade sobre a informação.” (NUNES, 2016, p.99). Aqui, a autoridade sobre a informação que iremos analisar, são as produtoras do conteúdo que exaltam o interesse na circulação do visitante pelos caminhos de consumo comercial da cidade. Porém, isso ao

custo da invisibilização da própria população local, suas atividades, rotinas, causando um impacto muito maior do que o esperado através de uma leitura mais crítica. Este processo exercido pelos mapas turísticos faz representações superficiais, podendo ocasionar muitas vezes leituras errôneas de características do local, silenciando atividades, grupos sociais, e da própria população, que nem ao menos é presenteada de forma mínima suas localidades de adensamento populacional.

A expressão gráfica adotada nestes mapas trouxe-me desconforto pela afirmação na representação de ausências e vazios de partes da cidade onde há população, atividade, vida. Desta forma é cultivado um turismo é direcionado à massas apenas, um direcionamento proposital a estes pontos balizando e trazendo invisibilidades a atividades e áreas da cidade que poderiam vir a ter maior destaque pela importância no processo de construção da identidade cultural da cidade.

Assim, durante este trabalho iremos analisar e ressaltar as ausências ocasionadas por esta forma de pensar, através da produção de anti-mapas. Neste iremos realizar a visibilidade de atividades, grupos, roteiros alternativos de visitação, manifestações sociais, cultura, turismo local, e outros.

É possível estimular a reflexão da importância histórica hoje dos mapas elaborados para compreender diversos aspectos sejam eles de política, geografia, topografias das paisagens como lembra Haley (2009, p.5) “[...] a confecção de mapas foi uma das armas de inteligência especializada para adquirir um poder, administrá-lo e legitimá-lo”. O poder exercido através da seletividade de informações traduzidas através dos mapas, onde pode-se manipular através da leitura diversos aspectos do território.

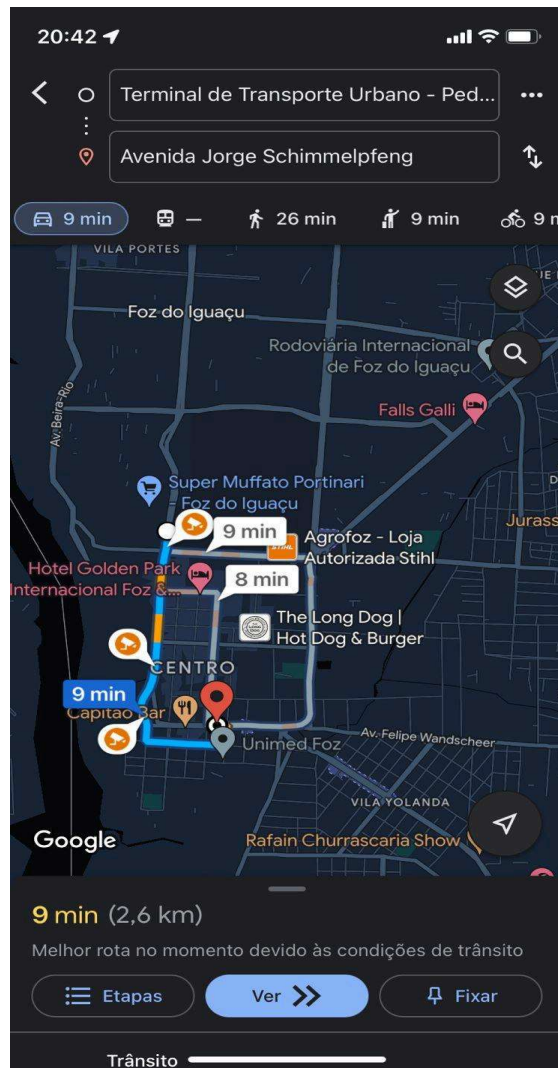
Historicamente, os mapas foram repositório de informações privilegiadas, e sua produção estava ligada às elites: elites dinásticas no Egito Antigo, elites religiosas na Europa Medieval ou elite mercantil na Europa Renascentista. (NUNES, 2016, p.99)

Assim, a produção dos mapas se mantinha de forma controlada e apenas aos detentores de conhecimento privilegiado, uma relação de poder delimita a forma de produção. Os materiais utilizados para a elaboração destes mapas também evoluíram desde o couro de animais ao que hoje levamos

digitalmente no bolso em aparelhos eletrônicos. A velocidade que hoje ocorre a evolução destas tecnologias, nos permite acesso a uma variedade de base de dados de mapas online, com sincronismo em tempo real. Em geral estes, estabelecem uma conexão do usuário de informações como trajetórias, tráfego, localizações, estabelecimentos.

Ainda assim, a presença de mapas temáticos ajudam a complementar informações quanto a uma localidade e suas características. Possibilitando uma leitura da cidade em suas complexidades por tema estabelecido.

Já FIORI (2010), discorre em seu trabalho a importância e aspectos que abrangem a fabricação e forma de comunicação de um mapa turístico, no qual irei dialogar mais adiante no desenvolvimento do presente estudo. Danilo George Ribeiro (2015) também realizou uma dissertação de pós-graduação sobre os aspectos da cidade de Foz do Iguaçu em relação à produção e a apropriação do espaço urbano. Iremos agregar discussões sobre isso neste estudo para compreendermos a importância do espaço urbano desta cidade para a promoção de sua imagem turística que pode vir a ser melhorada. Isso se faz necessário pois como afirma Kokkonen e Peltonen “a concepção de mapas temáticos aos setores de lazer e turismo é forjada em dois aspectos: qualidade do design e vinculação com o meio promocional” (KOKKONEN; PELTONEN, 1999 apud FIORI, 2010, p.530). Ao planejar uma visita a um local é instintivo hoje a realização de pesquisas para traçar as atividades a serem desenvolvidas e locais a se visitar.



Captura de tela de celular utilizando uma simulação de deslocamento em Foz do Iguaçu, aplicativo Google Maps. (Fonte: da autora utilizando aplicativo de celular Google Maps)

Sérgio Fiori afirma que: “existem três aspectos que estabelecem a produção de mapas temáticos para o lazer e turismo: 1) É informativo, 2) É meio de divulgação, 3) Tem como usuário potencial pessoas leigas na semântica cartográfica” (2010, p.529). Através da análise destes aspectos poderemos discorrer sobre a fim de encontrar e agregar melhorias na forma de representação da proposta final de material gráfico editorial.

Pretendo através deste estudo propor ANTI-MAPAS, a fim de mostrar mais do que o município possui de variedade de experiências e complexidades sociais ao visitante. “A idéia e sensação da carência e da incompletude criam a motivação para o trabalho de tradução [...]” (SANTOS, 2002, p.264). A tradução dos pontos, rotas e atividades em representação gráfica através das atividades

identificadas como moradoras que poderiam ser melhor valorizadas, ressaltadas e desfrutadas pela própria população e outros visitantes.

Dada a habilidade gráfica desenvolvida pela autora, a possibilidade de criação desta proposta de representação dos mapas em seus diversos temas traduzem um material palpável de ser produzido e apresentado.

A representação do território nestas propostas dos Anti-mapas, trará uma reflexão quanto às variedades de atividades, povos, manifestações culturais e muito mais da população para a própria população. Estas características únicas são a identidade e realidade da cidade e com ela deixam histórias, muitas vezes monumentos e construções, pouco lembradas .

Buscando uma análise e crítica dos materiais coletados (mapas turísticos de Foz do Iguaçu e entorno), aqui irei realizar um embasamento teórico na discussão quanto às ausências e formas de representação presentes nos impressos. Estabelecendo uma linha de pensamento que utilizará referências de autores para auxiliar na compreensão destas representações gráficas e suas intenções.

Estabelecer a relação de poder para reflexão da forma de produção de um mapa é uma ferramenta importante para compreender os caminhos resultantes em uma representação de mapa. Brian Harley (HARLEY, 2009), em sua obra **Mapas, Saber e Poder**, ressalta o quanto mapas podem ser instrumentos de imagens, articular e estruturar o mundo. Lembrando ainda que esta, esta também pode ser uma forma de manipulação da interpretação do retratado.

Ao referenciar trabalhos que fazem análises e definições como “**Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**”, de Boaventura de Sousa Santos (SANTOS, 2002), colabora na reflexão e compreensão de possíveis aspectos que levam à invisibilidade de representações nos mapas analisados na pesquisa. Através de sua visão das cinco formas de não-existências exemplificadas em seu texto. Desta maneira colaborando para a realização dos Anti-Mapas.

Pensando também na análise da forma de expressão gráfica aplicada nos mapas turísticos encontrados sobre o território e como exercem ali a invisibilização, examinei produções que tratam de análises quanto a representação gráfica em guias e mapas. Como **Cartografia e paisagem: o**

mapa como objeto de estudo, de Mônica B. Nunes (2016); **Cartografia e as dimensões do lazer e turismo: o potencial dos tipos de representação cartográfica**, de Sérgio R. Fiori (2010). Estes, nos orientam na forma de análise das produções presentes na crítica e na forma de concepção desejada na nova proposta.

Leonardo Name (NAME, 20017) colabora em seu artigo crítico à forma de representação proposta em um guia de viajantes ao Rio de Janeiro: **“Rio for partiers: como ser um jovem estrangeiro na capital carioca”**, para compreender a forma de informação transmitida erroneamente através da representação gráfica equivocada. Promovendo a análise e diálogo quanto a forma que isso pode transmitir de imagem e experiências do local, estereótipos, normalização e processos de invisibilização.

Para a análise e elaboração dos anti-mapas propostos nesta pesquisa poderão ser utilizados como base conceito e aspectos presentes na o artigo de FIORI (2010) quanto ao potencial dos tipos de representação cartográfica no turismo.

Somando ainda conhecimentos e reflexões obtidos através do livro de Andréia Moassab (2008) **Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do Hip-Hop**. Que traz uma leitura da abrangência da forma de expressão do movimento hip-hop nas periferias brasileiras. Os processos que envolvem toda a trajetória do movimento, quanto à marginalização, manipulação, discriminação e exclusão urbana. Este que irá agregar na forma de analisarmos a cidade de Foz do Iguaçu em seus processos de visibilidade de áreas periféricas, como não é representada sua população destas regiões, como então poderiam vir a ser através de suas diversidades e representações.

A análise realizada em sua tese de TCC: **Diseñar desde lo subalterno Lenguaje y representación gráfica en arquitectura** (Freitez C., 2018), Oswaldo Freitez Carrillo, faz uma análise crítica aos moldes e tentativas de padronização hegemônicas que são empregadas comumente no ensino da representação na arquitetura. Destacando sua aplicação nas formas de morar, nos corpos, mapas, as leituras que se pode ter através destas tentativas de normatização e invisibilização que ocasionam e realizando uma proposta de representação.

No que diz respeito aos procedimentos de pesquisa, foi feita a análise documental, relativa aos mapas elaborados pela prefeitura de Foz do Iguaçu e mapas coletados fisicamente em redes hoteleiras e agências de recepção de visitantes. Também foi realizada pesquisa documental via web com filtragem pelas palavras-chave Foz do Iguaçu; Mapa Turístico. Este levantamento, físico e via web, foi realizado nos meses de fevereiro a abril de 2021. Foram analisados inicialmente para esta etapa do estudo 3 mapas, que estão em circulação nos anos 2020 e 2021.

Em complementação à pesquisa documental, foi realizado um levantamento bibliográfico referente a mapas, representação, leitura do território e turismo. Ademais, o levantamento será complementado pelos dados da Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu. Utilizando ainda simultaneamente a pesquisa documental e bibliográfica, análise dos conteúdos e proposição e elaboração de novos mapas. Considerando a temática que desta pesquisa estar relacionada a forma de representação e leitura do território: estudos de acervo sobre a história do município no portal oficial da cidade.

O processo para elaboração do tema em questão consiste em uma leitura dos materiais disponibilizados fisicamente nos locais de coleta, web e portais de promoção do turismo. Assim, com a utilização das bibliografias referenciadas identificar a complexidade que se reflete na elaboração de mapas gerais e mapas turísticos. Desta forma analisando criticamente a representação presente empregada ao local, as invisibilidades e sua relação de poder. E assim contribuindo para a realização de uma proposição de destaque das áreas antes tratadas com como ausências, considerando expressões gráficas adotadas como vias, cores, escala, representações, iconografia entre outros.

A composição da proposta consiste em desmembramento das temáticas de forma individual de representação em uma base cartográfica construída pela autora. Esta separação tem como objetivo melhorar a leitura das informações sem que exerçam sobreposições ou outras formas de leitura hierárquica não intencionais. Possuindo ainda interlocutores que consistem em personagens criados para realizar uma facilitação no diálogo do texto com o leitor. A assimilação que a forma dos animais exerce na afeição do leitor,

realiza uma identificação com o mesmo, sendo ainda escolhidas suas espécies de acordo com a fauna local. Assim, a população pode também se identificar através dos interlocutores e complementos quanto a cada tema apresentado por eles.

Quando visualizamos um mapa é possível identificar os elementos dispostos no território ou área de recorte foco da análise, e, através disso, a leitura mostra o que existe. O que não existe, mesmo sendo no contexto abordado ou não, muitas vezes é colocado apenas como uma “ausência” de “vazio” ou “área verde”, aceitando-se que não há nada ali com a representação, não há nada mesmo?

Grande parte da motivação do presente trabalho segue quanto a identificação na análise de mapas específicos do “vazio” adota em áreas onde não podemos afirmar que há o referido “vazio”. A ausência de representação de diversas características do território e sua própria população, faz a vontade da presente autora propor visibilizar que existem pessoas, vida social presente e que produz cultura e movimentos no presente território. Exaltando as “ausências”.

- Sociologia das Ausências

A sociologia das ausências, conforme concebida por Boaventura de Sousa Santos (2002) nos possibilita compreender as formas de ausência representadas, onde desenvolveu metodologias teóricas para propor um pensamento crítico e alternativas à globalização neoliberal e estrutural global do capitalismo como formas de luta contra a exclusão e discriminação nos objetos de estudo analisados por ele. Inicialmente Santos destaca que devemos entender que as ciências sociais tradicionais ocidentais realizam sua grande parcela na forma de invisibilização e de desperdício da riqueza social presente no mundo. Assim, “a sociologia das ausências¹” visa libertar as

1

A sociologia das emergências consiste em proceder a uma ampliação simbólica dos saberes, práticas e agentes de modo a identificar neles as tendências de futuro (o Ainda-Não) sobre as quais é possível actuar para maximizar a probabilidade de esperança em relação à probabilidade da frustração. Tal ampliação simbólica é, no fundo, uma forma de imaginação sociológica que visa um duplo objectivo: por um lado, conhecer melhor as condições de possibilidade da esperança; por outro, definir princípios de acção que promovam a realização dessas condições.

práticas sociais do seu estatuto de resíduo, restituindo-lhes a sua temporalidade própria e, assim, a possibilidade de desenvolvimento autónomo.” (SANTOS, 2002. p.251). Através de suas propostas de análise, destaca que a sociologia contemporânea tradicional é responsável pela propagação de diversas instâncias quando se trata de contribuir para uma sequência de descrença ou sensibilização de alternativas a serem tomadas com análises sociais.

A forma de interpretação do mundo e suas ciências sociais partindo da hegemonia ocidental, faz com que estes moldes propagados como verdade tradicional continuem realizando invisibilização e ausência. Neste, o mundo é visto com a soberania dos países europeus, ao norte, detentores e produtores do conhecimento que deve ser replicado aos moldes para ser considerado um conhecimento válido.

A aplicação desta visão exaustiva onde há superioridade na interpretação do mundo por essa visão ocidental é analisada interpretando dentre outras formas da indolência da razão analítica, Santos destaca a razão metonímica, na qual, “é obcecada pela ideia da totalidade sob a forma da ordem.” (SANTOS, 2002. p.241). Esta por sua vez, é a razão onde ocorre a soberania e totalidade na interpretação das relações, esta totalidade é absoluta. Onde as partes que compõem são analisadas em uma lógica que baliza a forma do comportamento de suas partes. Está ainda, por sua vez, exerce uma opressão na forma de análise onde o “todo” é visto como uma referência superior na análise para com os demais:

É por isso que todas as dicotomias sufragadas pela razão metonímica contêm uma hierarquia: cultura científica/cultura literária; conhecimento científico/conhecimento tradicional; homem/mulher; cultura/natureza; civilizado/primitivo; capital/trabalho; branco/negro; Norte/Sul; Ocidente/Oriente; e assim por diante.(SANTOS, 2002. p.242)

A razão metonímica tem a partir de suas formas de análise comparativa, acaba também por exercendo assim a produção da não-existência. Apenas na simples não representação de alguma forma de concentração e habitação de pessoas e dado espaço geográfico quando analisamos um recorte de cidade, onde a temática abrange também formas de

deslocamentos é assumir uma não existência. A não existência da própria população no percurso traçado de um ponto ao outro. A não existência exerce assim uma forma de afirmação consequentemente de não ser reconhecida, ao meu ver, assume-se que não faz parte da representação no território mesmo que presentes. Esta é também parte de como um dos cinco modos de produção da não existência proposta por Santos.

A primeira sendo a *monocultura do saber*, onde o conhecimento produzido pela alta cultura e a ciência moderna é vista como única verdade, tudo o oposto a isso uma em comparação a qualquer outra forma de saber é tida com ignorância a sua existência. A segunda forma é a *monocultura do tempo linear*, onde existe apenas uma lógica da cronologia de eventos conhecidos, onde a ideia de tempo é linear. Onde se realiza uma padronização no desenvolvimento, e assim o que não segue desta forma é visto como atraso em relação à temporalidade ocidental. A terceira é a *lógica da classificação social*, onde ocorre uma classificação com base na naturalização hierárquica, sendo as mais comuns a racial e de gênero. A quarta lógica e mais importante para a presente discussão é a *lógica da escala dominante*, onde é dada uma escala maior, ou seja um “tamanho” de importância maior em relação a outros. Para o presente trabalho se apresentará na forma da expressão de elementos gráficos em relação a outros, a escala dominante é aplicada de forma a invisibilizar outras características do território. Realizando destaque a atrativos e consequentemente instituições que a promovem no âmbito de domínio de influência e produção de conteúdo. Enquanto na quinta lógica a *lógica produtivista*, onde tudo que não é produtivo economicamente também é não existente, seja através de recursos naturais ou trabalho.

Através da análise destas lógicas da não existências aplicadas na forma da sociologia tradicional ocidental, Santos proem como ações atuantes da sociologia das ausências, as “ecologias”:

Esta ecologia de saberes permite, não só superar a monocultura do saber científico, como a ideia de que os saberes não científicos são alternativos ao saber científico. A ideia de alternativa pressupõe a ideia de normalidade e esta, a ideia de norma, pelo que, sem mais especificações, a designação de algo como alternativo tem uma conotação latente de subalternidade.(SANTOS, 2002. p.250)

A interpretação da racionalidade em relação ao tempo faz-se necessária para a proposta de análise seguinte de Santos, em como pode ser entendida as sociologias aplicadas. Destacando que a concepção ocidental do presente é de uma forma contraída, uma breve janela do tempo, um instante apenas, algo breve com importância minimizada. Onde ações a serem tomadas no presente podem não ser vistas como algo de ação imediata, adiando-as para o futuro. “A contração do presente esconde, assim, a maior parte da riqueza inesgotável das experiências sociais no mundo.” (SANTOS, 2002. p.245). E o futuro por sua vez é expandido, como algo um pouco mais longe, onde cabe-se um planejamento com calma, e com pouca perspectiva do logo. Esta interpretação da espacialidade do tempo, faz com que planos possam ser por muito tempo idealizados, e com pouca perspectiva para sua implantação, planos estes em que o presente muitas vezes clama por agilidade e providências.

A partir disso vê-se também a necessidade do presente trabalho, onde a discussão se faz necessária, onde a visibilidade das pluralidades sociais da população e atividades se faz necessária destaque. Para que não continue se replicando moldes de leitura sobre o território onde as pessoas não fazem parte da cidade. Que se propagam uma qualificação comercial do território apenas como local de consumo, pobre de experiências sociais e pluralidade de atividades, povos e culturas. “A modernidade ocidental, dominada pela razão metonímica, não só tem uma compreensão limitada do mundo, como tem uma compreensão limitada de si própria.”(SANTOS, 2002. p.243).

Partindo da construção de que para cultivar as mudanças propostas , para obter uma complicação do mundo através também de sua aplicação no presente, Santos propõe uma aplicação ao “contrário”, onde será expandido o presente e estreitado o futuro. “Só através de um novo espaço-tempo será possível identificar e valorizar a riqueza inesgotável do mundo e do presente.” (SANTOS, 2002. p. 245). Desta forma a aplicação da sociologia das ausências e a sociologia das emergências ocorrerão respectivamente com estes objetivos temporais em suas aplicações também. Onde a “sociologia das ausências” irá atuar de forma a expandir o presente, possibilitando análises das produções e experiências sociais do agora e trazendo suas evidências nas existências já presentes.

Ações a serem tomadas no agora, de forma mais imediata. Assim, permite um melhor adensamento do instante, suas possibilidades de desenvolvimento e reconhecimento do que antes era tido como não existência. Existe também a sociologia das emergências, atuando em conjunto com o encurtamento do futuro, transformando suas ações planejadas com a ampliação das experiências e possibilidades. “Só assim será possível criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje.” (SANTOS, 2002. p.239).

Nesse sentido, o presente trabalho trata da aplicação da discussão do presente, o que hoje está acontecendo e possível de ser analisado através das leituras disponíveis do território. Mostrando as ausências através da leitura do presente no território e sua tradução gráfica. Ou seja, a sociologia das ausências aqui se aplica através do destaque da análise sobre o que não está presente nestas representações analisadas, através da análise da metonímica de sua aplicação atual.

Realizando assim a sociologia das emergências através das propostas dos anti-mapas já em sua formação inicial concreta, não planejada ao distante da aplicação. Como estamos realizando uma análise quanto às ausências notadas na análise de mapas e representações gráficas propostas por produções de cunho turístico do território de análise, é preciso realizar uma breve reflexão quanto os conceitos e aplicações colocados por Boaventura dos Santos em seu ensaio “Sociologia das ausências e emergências”. Através de uma reflexão epistemológica e das ciências sociais Santos realiza uma leitura quanto às ações e lutas contra a exclusão e a discriminação social, propondo alternativas através da análise de recorte em seis países.

As ausências que destacamos através deste trabalho, fazem parte da cidade tanto quanto os elementos tradicionalmente destacados. Inclusive, quando analisados tematicamente revelam que diversos destes deveriam possuir maior representatividade na concepção e construção do que hoje é a cidade. Encarar estes como “pedaços” de um quebra-cabeças, destaca como a análise de peças sem inseri-las no contexto faz com que percam sua importância e pertencimento do território. “Esses componentes ou fragmentos têm vagueado fora dessa totalidade como meteoritos perdidos no espaço da

ordem e insusceptíveis de serem percebidos e controlados por ela” (SANTOS. p.7)

Quando Santos então nomina a sociologia das ausências, seu procedimento adotado para a análise do trabalho como: “[...] visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, activamente produzido como tal, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe”. Ou seja, através da repetição da reprodução gráfica de ausências é possível quase se afirmar sua não existência. Não é reconhecido como presente, não representado ou produzido, então não acontece. As ações arbitrárias para que isso ocorra nos mapas presentes em Foz do Iguaçu são lideradas pelos interesses apenas em destacadas finalidades econômicas e de movimento de turismo de massas.

É fato notável, que o destaque gráfico aplicado na representação de instituições privadas que realizam a intencionalidade de visitação turística de massas chega a ser estupidamente desproporcional. A promoção do consumo destes espaços realiza uma afirmação de singularidade nas opções de lazer e turismo do território. De tal forma, a representar uma forma de violência na repressão de outras possibilidades. “No âmbito desta lógica, a não-existência é produzida sob a forma do particular e do local. As entidades ou realidades definidas como particulares ou locais estão aprisionadas em escalas que as incapacitam de serem alternativas credíveis ao que existe de modo universal ou global.” (SANTOS, 2002.p.8)

O estímulo através dessa viabilização de possibilidades de experiências sociais, culturais e locais visa que cada vez mais estes sejam exaltados e reconhecidos como parte do território que habitam. Onde por um lado Santos realiza a análise da sociologia das ausências, através da análise e constatações teóricas das formas e mecanismos que estas invisibilização ocorrem. Também utiliza-se da sociologia das emergências, onde faz-se e pensa-se em medidas de como lutar e se posicionar contra estes fenómenos limitadores.

OS MAPAS MENTEM

Os mapas mentem sempre, pelo simples fato da impossibilidade em traduzir com fidelidade à realidade todas as dimensões e pretensões dos dados apresentados. Entendidos no nosso estudo como representações planificadas, acabam por sofrer quase sempre alguma forma de alteração, seja para melhor traduzir a escala, ou o assunto, intencionais ou não, às vezes essas mentiras podem ocorrer. Veremos aqui como a seriedade na aplicação e desenvolvimento de mapas pode ser relevante até mesmo em relações de poder ao longo dos séculos. Podendo possibilitar inúmeras interpretações e direcionamentos quanto à leitura do material apresentado.

A palavra mapa, no português, assim como suas formas usuais em outras línguas como o espanhol ou o inglês, origina-se do tempo em latim *mappa*, que significa toalha de mesa (BROTON, 2014. p.6). Geralmente, os mapas no início da civilização poderiam ser representados e ou gravados de forma a se fazerem mais prático e portátil em couro, papel, papiros e outras formas de tecido. Quanto à definição de cartografia, no qual se refere à produção e ao estudo de mapas, sua epistemologia vem da palavra latina *carta*, que significa um documento formal. Juntamente com *cartographie*, que significa o estudo, aplicação da investigação e operações científicas.

Mapas são uma forma de representação gráfica, para orientar, demonstrar, expressar ou ainda, comunicar algo sobre um assunto em um determinado recorte. Este recorte, podendo ser de um território, paisagem ou aplicado às representações diversas mesmo que não geográficas. Eles ajudam na compreensão da informação apresentada, através dos desenhos sejam os dados de qualquer natureza, e/ou ainda qualitativos ou quantitativos. Podendo contextualizar, visibilizar ou como veremos no presente estudo, sensibilizar o pretendido. Já Harley e Woodward entendem o significado de mapa como: “Mapas são representações gráficas que facilitam a compreensão espacial de coisas, conceitos, condições, processos ou eventos no mundo humano.”(apud BROTON, 2014. p.7)

Assim, é possível ilustrar através desta forma de representação dos mapas, omitir ou destacar informações de acordo com o assunto pretendido de quem o realiza. Devemos lembrar também que com os avanços tecnológicos de mapeamento através de diversas ferramentas, permitem consultas e pesquisas precisas quanto aos limites políticos e geográficos atuais de

imagens fotos aéreas e espaciais, não estavam disponíveis nos primórdios da origem das civilizações. Nesse sentido, as formas de representação que se desenvolveram através dos tempos e a necessidade de expressão e linguagens, possuíam forte influência quanto ao imaginário de quem estava fabricando o mapa ou solicitando sua fabricação. Ainda que, as representações sejam parte de um caminho, percorrido e orientado pelo interessado no produto final desta construção, se dirigindo ainda ao leitor através de simbologias, formas e signos. Os desenhos não haveriam de possuir precisão, escala, ou mesmo representação de outras nações de forma coerente. Ali se inicia também formas de poder e manipulação exercidas pelas representações.

A primeira forma de representação planimétrica conhecida até o momento como primeira e consequentemente a mais antiga, é o “Mapa Babilônico do Mundo”. Neste, datado de aproximadamente 2.300 a.c, fora gravado em uma placa argilosa, ou melhor, esculpida, foi encontrada por arqueólogos, se encontra no Museu Britânico.



Primeiro mapa do mundo “mapa babilonico”, e sua transcrição de gravuras. (Fonte: <http://elnavegadordemercator.blogspot.com/2013/02/cartografos-del-s-vi-la-tablilla.html>)

<acesso em: 27/02/2022>

Na imagem acima onde foi realizada uma representação sobre os inscritos na pedra esculpida, é possível observar que foram realizados através de linhas paralelas percursos, com localizações de pontos e direções que poderiam ser tomadas. O entendimento a partir desta representação gerada pelo povo babilônico também traduz sua forma de visão do mundo naquele momento, rodeado por águas vindas de todas as direções, com a representação ao centro mostrando a importância maior. Indicando até mesmo distanciamento até outros pontos. Pode-se interpretar a representação dos triângulos direcionais para outras ilhas e ou províncias também como o início do entendimento quanto à o que hoje chamamos de pontos cardeais² de orientação. Sua leitura do território representada neste mapa também mostra como entendiam seus limites e fronteiras.

Mapas podem ser vistos como ferramentas de exercer o poder através do cenário retratado, destaca Fiori:

“Assim como o historiador pinta a paisagem do passado com as cores do presente, o geômetra, conscientemente ou não, não reproduz somente o entorno em sentido abstrato, mas também os imperativos territoriais de um sistema político.”
(FIORI, 2009. p.3)

Assim é possível refletir quanto a necessidade ocorrida em diversos momentos políticos do mundo até os dias de hoje tal qual foi construída a sociedade, em suas formas de representação de mapas e exercício do poder através deles. Para isso o autor destaca também que é necessária uma análise do contexto em que fora construído um mapa, para só assim poder ser realizada sua interpretação do cenário em que fora construído, seus significados e influências. A partir daí então obter uma leitura quanto aos seus objetivos quanto à informação exercida, carga de influência e poder.

Cabe destacar que durante todo o percurso histórico da construção e concepção de mapas, discussões quanto às representações se formaram foram discutidas e desenvolvidas. Nesse sentido, o primeiro mapa aqui destacado (o mapa babilônico), traz a ideia de uma representação do

² Principais pontos cardeais: norte (N), sudeste (SE), leste (L) e oeste (O). Exercem papel de orientação do espaço terrestre na leitura instrumentadora e principalmente na cartografia. Concebidos a partir do estudo da movimentação do sol.

entendimento do mundo naquele momento como algo plano, com o território conhecido como principal e ao centro. O mundo ou seja o que hoje entendemos como planeta é uma forma esférica, desta forma, estudos quanto a projeção de uma esfera em uma superfície plana se estenderam por muitos séculos.

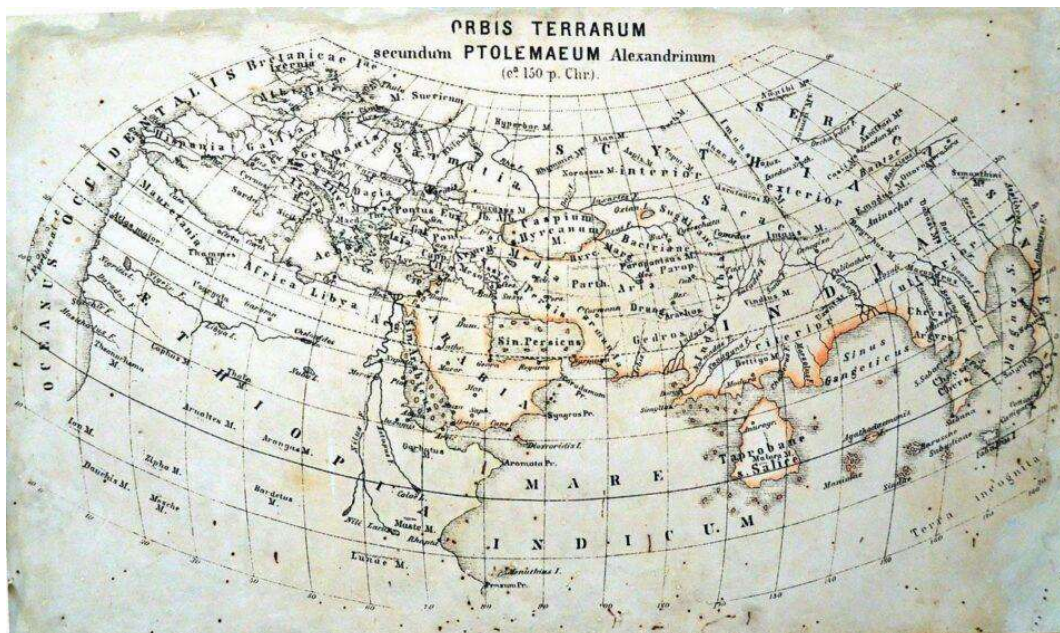
Seguindo para um próximo mapa séculos mais tarde, durante o período Grego, diversas teorias quanto a geometria do planeta, forma de construção científicas como a astronomia, matemática, geografia entre outros estavam sendo realizadas. Onde também a construção política e de saber também se encontrava em desenvolvimento.

A construção do que hoje já foi aperfeiçoado sobre o entendimento de unidades de medidas aplicadas para a mensuração e dimensionamento do planeta em mapas planos, a partir de uma forma esférica partem dos estudos e produções realizadas por Ptolomeu (90-168). Este, é o mesmo que desenvolveu a teoria do geocentrismo³, influenciadas também por fundamentações religiosas do período. Tal cenário contextualiza nossa análise quanto também a influência e exercícios de poder quanto a produção e idealização de conhecimentos na idade média. Nesse sentido, desenvolveu ainda a metodologia de segmentação de partes das projeções em latitude e longitude. Está fora desenvolvida a partir do tempo e não do espaço, através de pesquisas e cálculos astronômicos e trajetórias.

“Os meridianos foram traçados como linhas retas convergentes em um ponto imaginário além do pólo Norte, mas os paralelos foram desenhados como arcos curvos de comprimentos diferentes, centrados no mesmo ponto.” (BROTTON, 2014. p.49)

A partir desta proposta Ptolomeu mesmo tendo consciência de que não seria capaz de transmitir com verdade absoluta e assumindo que ainda sim ocorreriam distorções, constrói sua projeção do mapa do mundo:

³ Teoria astronômica onde a configuração do posicionamento dos planetas do sistema solar era entendido com a terra ao centro, sendo o modelo mais antigo.



Mapa de Ptolomeu. (Fonte: <https://conhecimentocientifico.com/ptolomeu/>) <acesso em: 29/02/2022>

Como podemos ver na imagem xx, ptolomeu construiu através da aplicação de suas metodologias a representação do mundo entendido naquele período. Suas teorias de conhecimento continuam a ser conhecidas e foram fundamentais para a construção do hoje estudamos e aplicamos em nossos mapas e leituras aperfeiçoadas, delimitando algumas das primeiras regras de representação. Cabe destacar que seu estudo segue sendo conhecido como “projeção cônica equidistante meridiana”, como parte da construção do conhecimento e entendimento geográfico e de projeções.

Outra forma de representação que podemos encontrar em pesquisas quanto ao mapa de Ptolomeu, foi realizada pelo cartógrafo alemão Johannes Schnitzer em 1482. Construído a partir das tabelas e dados deixados por Ptolomeu, foi realizada a representação das secções em graus e meridianos do mundo naquele período. Onde são ainda acrescentadas as representações de “cabeças” humanas, realizando ações como sopros, como intuito de representar os ventos:



Mapa de Ptolomeu, gravação de Johannes Schnitzer 1482. (Fonte: <https://www.publico.pt/2018/06/25/ciencia/ensaio/a-geografia-de-ptolomeu-ou-o-texto-obsoleto-mais-importante-de-sempre-1835095>) <acesso em: 29/02/2022>

Seria impossível falarmos neste trabalho sobre mapas, sem fazer menção à Gerard Mercator (1512-1594), suas produções ajudaram com grande peso na construção do que hoje temos sobre a cartografia e suas ciências. Mercator durante suas produções enfrentava diversas dificuldades e conflitos quanto à supremacia religiosa no período, que acusava suas produções de tomarem visões e opiniões geográficas em desacordo com o ponto de vista do poder que regia. Sofreu durante anos perseguições, assim como muitos cientistas e pensadores no mesmo período, culminando até sua prisão sob a acusação de heresia em 1544. Através de sua produção em 1569, possibilitou o aperfeiçoamento da navegação, facilitando a localização correta e com maior precisão de pontos distintos. Baseando-se em uma projeção do globo em uma forma cilíndrica, e realizando proporcionais onde ocorreriam maiores distorções, Mercator realiza uma compensação pela conformidade⁴. Os

⁴ alterações e ou manutenções nas proporcionalidades angulares a fim de diminuir a imprecisão em relação a realidade.

meridianos projetados sob a forma esférica quando transferidos para uma forma plana irão sofrer compensações de acordo com sua distância angular em relação à linha do Equador. Vale ressaltar que a projeção proposta por Mercator também realiza uma centralização na forma de representação de países específicos, os mesmos que também acabam por sua proporcionalidade, sofrendo deformações compensadas. Hoje, após o avanço das tecnologias que nos ajudam na análise de territórios e melhor precisão métrica nestes, é possível ver o quanto ainda sim o mapa retrata irregularidades. Que ao longo dos anos, também contribuíram para leituras de mundo e globalizações que culminam em dicotomias eurocêntricas em diversos cenários.

Em 1973, Peters realiza uma nova proposta, com o intuito de bater de frente com as ideias e conceitos até aquele momento redigidos por Mercator, propondo uma visão de mundo mais realista com a mensuração de cada território. Peters destaca que a projeção de Mercator realizava uma desproporcionalidade intencional, na forma de “correção da desproporcionalidade” e ainda, que o posicionamento do continente europeu trazia uma leitura de centralidade e maior importância ao mesmo. “Peters alegava que seu novo mapa mundial oferecia a melhor alternativa aos quatrocentos anos de hegemonia da projeção de Mercator de 1569 e aos pressupostos supostamente “eurocêntricos” que estavam por trás dela.” (BROTON, 2014. p.380)

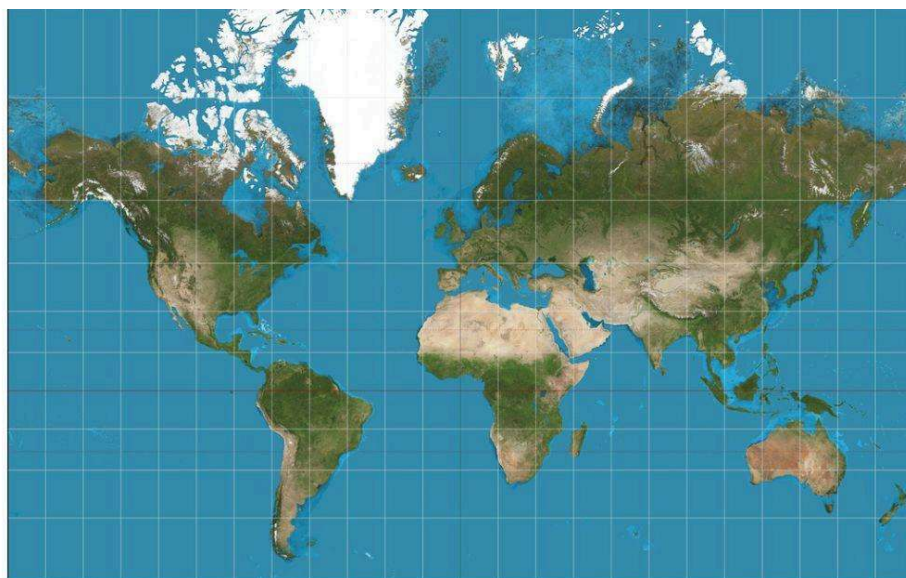


Imagem xx: Mapa mundi utilizando a projeção de Mercator. (Fonte: <https://businessbarbados.com/trending/social-progress-index-map-social-investors/attachment/mercator-vs-gall-peters/>) <acesso em: 29/02/2022>

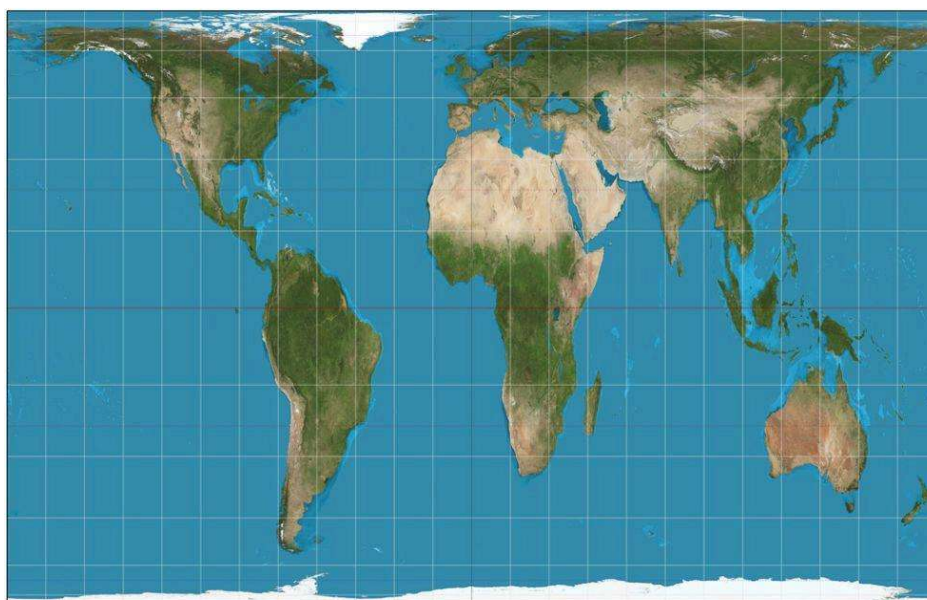


Imagem xx: Mapa mundi utilizando a projeção de Peters. (Fonte: <https://businessbarbados.com/trending/social-progress-index-map-social-investors/attachment/mercator-vs-gall-peters/>) <acesso em: 29/02/2022>

O mapa “ o mundo real” de Peters, fora um sucesso tanto em publicações como em reconhecimento mundial, sendo foi até mesmo reconhecido e aplaudido por órgãos internacionais como ONU (Organização das Nações Unidas), UNESCO (Organização das Nações Unidas para a

Educação, a Ciência e a Cultura) e UNICEF (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância). Apesar disso, foi duramente criticado por geógrafos e cartógrafos, que o acusavam de “fraude cartográfica”, por Peters ser apenas um historiador, sem capacitação para realizar tal proposta.

Esta breve análise histórica no desenvolvimento da cartografia e desenvolvimento de mapas, nos traz a base para a reflexão quanto às intenções projetadas de leitura a cada produção. Intenções estas como vimos, que se moldam de acordo com o conhecimento, avanços tecnológicos e de metodologia científica. Sendo ainda outro fator relevante e presente na construção de todos eles, é em relação ao exercício do poder durante e após sua produção. No mapa Babilônico, pudemos notar como o entendimento de mundo naquele período, retratava com centralidade quem o produziu, tratando com inferioridade assim os territórios vizinhos, com a representação gráfica (ou no caso, gravada) não centralizada. Ao transmitir a informação, se propaga o entendimento de todos que aquilo é o mundo pela liderança da do povo, aqueles são os limites e características do território.

Ptolomeu durante sua carreira e produções também sofreu com a perseguição da igreja, que exercia a maior representação de poder na época. Determinando que era real, e o que não era, a partir dos interesses e liberdades de pensamentos moldados para maior controle. Tanto, que chegou a ser perseguido e preso por isso.

Mercator também realiza seus estudos e produções de teorias matemáticas a fim de criar novas fórmulas matemáticas que o ajudassem na projeção do globo em um plano. Mas, acabou por realizar a representação com o peso de exercício de poder do meio eurocentrista. As distorções sempre acabaram por ocorrer, cabe a quem está produzindo o mapa representar medidas para redução e consciência da interpretação de algumas delas, como a utilização de escalas para demonstrar as reduções.

Vale assim lembrar que a representação gráfica demonstra as teorias de cada autor em suas produções, bem como, ilustra as interpretações e intenções na retratação da informação do território entendido. As propagações das últimas 3 formas de representações aqui exemplificadas, mostram como também tornaram possível sua melhor leitura e estudos hoje. Sendo em Peters

e Mercator realizadas suas maiores reproduções até os dias de hoje, em diferentes cores, texturas e tamanhos, mas preservando a intencionalidade e proporção proposta de cada um.

Existem ainda os mapas temáticos, que realizam um recorte de parte do território a ser representado, e outra forma imaginária a ser abordado o assunto. Podendo através disso, exemplificar dados, localidades, distâncias, localidades, trajetórias entre outros de acordo com a motivação da informação apresentada.

Realizando uma aproximação ao nosso tema aqui discutido, o autor Sérgio Fiori irá nos ajudar na reflexão quanto a utilização de mapas temáticos e representações voltadas ao turismo. Devemos inicialmente entender que o turismo e lazer quanto à visitação são formas de entretenimento desenvolvidas a partir do deslocamento do indivíduo a uma outra localidade que está para conhecer. Partindo-se da ideia de que o mesmo não conhece o local ou região que irá visitar, busca-se informações quanto ao mesmo para traçar roteiros, trajetórias e orientações. Assim, mapas temáticos contribuem para a apresentação destas informações. Exercendo assim funções de informação quanto ao território e também de promoção. E também podem mostrar-se seletivos intencionalmente quanto ao que mostram, moldando formas de consumo do “produto” no caso aqui que iremos analisar a “cidade”. Fiori destaca que “[...] diferentes tipos de usuários merecem diferentes tipos de mapas.” (FIORI, 2010. p.528).

Os mapas aqui mostrados durante a reflexão, foram coletados em diferentes pontos da cidade com fluxo de turistas, em hotéis, pousadas e casas de show. O público alvo identificado para estes, é o de “turismo de massa”. definir tipos de turismo.....

Desse modo, entendemos que se o mapa tem a possibilidade de moldar as representações que irá propor de acordo com as vontades de quem o produz e ou exerce poder quanto à informação presente e a ausentada. Um mapa que visaria a promoção da locomoção utilizando a modalidade de ciclismo irá mostrar deslocamentos disponíveis através de ciclovias e ciclofaixas. Ou até mesmo, um mapa com localização de locais visitados, ao fornecer formas de deslocamento ao local em determinado modal de mobilidade irá incentivar o deslocamento por esta.

Fiori destaca que os mapas podem ser classificados em dois grupos: convencionais e pictóricos.

“[...] sendo classificados a partir de níveis de abstração da realidade. Consequentemente, as representações gráficas são definidas por escolhas que enfatizam ou não características do elemento concreto” (FIORI, 2010. p.530)

Isso se refere à forma de representação de elementos visuais como texturas, pontos, ícones, símbolos, entre outros a serem distribuídos no mapa. Esta construção do nível de detalhamento pictórica deve ser realizada com cautela, a depender da base a ser trabalhada, sua complexidade de traços e representação gráfica, formas de representação entre outros fatores como veremos mais à frente relacionados à estereótipos. A interpretação destes símbolos, pode contribuir ou não para a compreensão da complexidade da informação inserida e sua relação com o mapa. Sendo de grande responsabilidade de quem estiver produzindo o mapa poder manejar a melhor forma de aplicação e estudo dos simbolismos escolhidos para se trabalhar.

ABSTRATO			PICTÓRICO
Floresta 	F		
Camping 	C		

Figura 1A – Os níveis de abstração do símbolo
(adaptado de MOSCARDO, 1999)

Níveis de abstração do símbolo. Fonte:(FIORI, 2010, p.530)

Os mapas convencionais também costumam trazer a representação do território foco do assunto mostrado, de forma planificada com um leitura aérea de linhas delimitadoras, que variam de acordo com o assunto abrangido. Costumam ainda prezar pela baixa poluição visual dos elementos, para trazer maior agilidade na leitura dos dados e fazer a experiência mais agradável. As

legendas devem sempre acompanhar para compreensão dos símbolos, números e indicações utilizadas. Referências que buscam contribuir ainda mais com dados para a interpretação do usuário do mapa também se apresentam como: escala, norte geográfico e ou outras referências direcionais. Podemos identificar características ressaltadas por Fiori em mapas convencionais como utilização das formas geométricas nos ícones, a utilização de legenda e linguagem simples e direta quanto às informações apresentadas.



Exemplo de mapa convencional, Balneário Camboriú.

(Fonte: <https://www.litoraldesantacatarina.com/balneariocamboriu/mapa-de-balneario-camboriu.php>) <acesso em: 29/02/2022>

Por outro lado, esta forma de representação costuma ser muito bem aceita, pela facilidade de leitura por pessoas leigas ou com maior simplicidade na escolaridade. A identificação gráfica de pontos de referências na paisagem, fazem com que a leitura seja um pouco mais simplificada e dinâmica do que com consultas à uma legenda. Esta representação costuma ainda ser muito bem aceita de forma à reprodução comercial da cidade como produto, por dispor de forma atrativa à leitura das experiências, localidades e serviços que pode proporcionar ao leitor.

Existe ainda uma forma de construção de mapas que envolve características tanto dos mapas convencionais quanto dos pictóricos, denominados mapas semi-pictóricos. Mantendo a escala, logradouros, e somando a representação tridimensional aplicada aos elementos que sobrepõem a base cartográfica. Atraindo a leitura do território para a representação dos elementos, atrativos, edificações, uma alternativa na produção de mapas temáticos.



Exeplo de mapa semi-pictórico, São Leopoldo.

(Fonte: https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/?titulo=Cidade&template=conteudo&categoria=21&codigoCategoria=21&idConteudo=1584&tipoConteudo=INCLUDE_MOSTRA_CONTEUDO)

<acesso em: 29/02/2022>

Em todos os exemplos de representação destes mapas, seguindo as definições descritas por Fiori, ainda assim, é possível notar que ocorrem ausências nas representações em todos os casos. Essas negações de partes da cidade na composição para cada caso, faz-nos voltar à reflexão proposta por Boaventura quanto às ausências e à Harley em sua análise quanto às formas de poder que podem ser identificadas. Tomando como exemplo, o mapa do Rio de Janeiro exemplificado acima, ilustra os morros apenas como áreas verdes, e que, a ocupação urbana aparece apenas na parte planificada próximo à orla. Apenas bairros nomes e com referência são nominados. E os morros? Existem diversas comunidades ali, diversos bairros, pessoas, corpos.

Ao lado do estádio do Maracanã não há nada também representado, por não haver nada representado, se promove a leitura de um vazio, uma ausência. Ao redor do Maracanã se lê um vazio urbano então? Nem ao menos nomeados estão. Esta postura da representação promove que seja comum a leitura destas ausências como não existências. Durante a trajetória proposta não é interessante mostrar o que irá se passar no caminho que não seja com interesse na promoção da face consumível da cidade. O que não é, na esfera do mapa temático turístico, de interesse comercial na promoção da visitação, é tratado como não existente. Em um mapa temático se direciona ao tema pertinente da informação prestada, porém, entendo que se, se faz a representação da cidade, não se pode afirmar que onde existem pessoas haja sua invisibilização completa. No exemplo acima, apenas mata predomina, ignorando a presença humana, que compõem a cidade, suas características, e tudo o que compõe juntamente com as atividades desenvolvidas. Pessoas fazem parte da cidade, fazem parte das transformações, representações e desenvolvimento ao que ela se torna visivelmente.

No mapa que representa por conseguinte as características semi-pictóricas, ocorrem também através desta complexidade nos detalhes de elementos, este destaque que por consequência pode acabar invisibilizando outras partes do território. A hierarquia proposta na composição das edificações e elementos no mapa sobrepostos, mostra que estes, possuem

maior ou menor importância entre eles em interesse de promoção da visitação. Sendo ainda mais expressivo quando realizada a relação destes elementos com o restante do território, no qual concentrações populacionais e de outras atividades também não são representadas. A visão proposta de leitura da cidade representa um destaque, como resumir apenas em interesse a quem lê, àquelas informações desigualmente destacadas pelo volume desproporcional da ilustração.

Em seu artigo crítico quanto à representação gráfica proposta em uma publicação editorial de promoção turística do Rio de Janeiro, Leo Name promove a reflexão quanto à leitura proposta pelos autores do material. Esta publicação se compõe em um guia de turismo da cidade do Rio de Janeiro, onde propõe uma leitura do território e experiências disponíveis aos viajantes de um público específico, pressupondo-se que este público se interesse e busque também este. Onde de forma quase grotesca, foram reproduzidos de forma reducionista experiências possíveis na cidade, assim como extremas formas estereotipadas quanto às características que julgam “comum” em um público jovem da cidade. Onde o recorte de olhar proposto era direcionado a um público também jovem, em busca de experiências com pessoas e atividades. Onde este último item é associado apenas à disponibilidade de atividades que proporcionam aventuras “radicais”, como ondas perigosas, sobrevoos e outros com associação à adrenalina oferecida. Em uma experiência turística de visitação onde se assume também que apenas se transitará pela cidade, onde esta também é representada e entendida como apenas os bairros nobres e orlas das praias mundialmente famosas.

“Pode-se dizer que essa publicação se insere em certa mudança estrutural que, gradualmente, vem sendo notada no mercado turístico: por um lado, tem sido mais valorizado a experiência cotidiana e o contato com a população local do que propriamente o cumprimento de um roteiro forma de paisagens e monumentos; por outro, a experiência do espaço visitado é constantemente ajustada às categorias culturais de cada viajante.”(NAME, 2007. p.83)

Durante seu discurso, Leo Name destaca como o guia promove uma leitura e rebaixamento cultural, sexismo e de consumo. Se referindo a ações, pessoas e áreas da cidade como evitáveis, contornáveis e ou inferiores. Onde

o samba é descrito como “é um samba improvisado executado a partir de tudo que se pode bater sobre uma mesa de bar” (p. 78) (NAME, 2007. p.89) entre outras formas de inferiorização de artes e gêneros musicais de nossa cultura brasileira aos gringos. Esta contextualização vem seguida ainda de produções gráficas que reduzem a figura do brasileiro a especificidades estereotipadas ao máximo, promovendo o ser como item de consumo sexual acima de tudo. A partir deste trecho da reflexão, ao destacar a heterogenia impregnada em 99% do discurso promovido nas atividades e leituras do território e das pessoas com esportes radicais como atividade e mulheres como consumo, onde ficam as diversidades presentes também na população carioca? Como não são foco do interesse da publicação, acabam reduzidos a capítulos específicos, onde não fazem parte de um todo na cidade. Onde ainda os morros são lidos como áreas evitáveis, promovendo a marginalização, um silenciamento assim destas áreas no território. Fazem parte da cidade, do cotidiano, das experiências e características, mas para este roteiro não são vistos como parte, são ausências na narrativa, na leitura.

Partindo-se desta premissa, como podemos esperar que através de uma proposta de leitura dos mapas que aqui serão expostos da triplice fronteira, possa-se representar experiências, não somente ao leitor externo do território mas principalmente ao residente, dada a pluralidade cultural disponível. E ainda sentir-se parte da representação proposta.

Esta base histórica da cartografia, conceitos quanto ao turismo e mapas temáticos nos ajudará a compreender as algumas heranças e vícios em formas de representação e leitura aplicadas nos mapas aqui analisados do território da cidade. A crítica a estas formas de representação gráfica desta produção comercial de consumir a cidade serão traduzidos nas propostas do presente trabalho de TCC. Como aponta Boaventura Santos quando diz que “A idéia e sensação da carência e da incompletude criam a motivação para o trabalho de tradução [...]” (SANTOS, 2002, p. 18). Onde neste trabalho, entendemos a tradução na representação gráfica da cartografia analisada e proposta, traduzindo localidades, atividades, pessoas em presenças no território. Este espanto e indignação pessoal causado à presente autora, nascida e habitante de uma cidade onde os mapas turísticos não representam a veracidade mínima do cotidiano, da identidade e atividades do presente

território moveram a vontade de propor este trabalho de reflexão e proposta de produção dos Anti-mapas. A forma como o território trinacional representada nos mapas que serão aqui discutidos não fazem parte do desenho e do dia a dia da população.

Os mapas serão considerados como parte integrante da família mais abrangente das imagens carregadas de um juízo de valor, deixando de ser percebidos essencialmente como levantamentos inertes de paisagens morfológicas ou como reflexos passivos do mundo dos objetos. Eles são considerados imagens que contribuem para o diálogo num mundo socialmente construído⁵.

Se um mapa da cidade não está representando a cidade, quem está ? Cosgrove diz que, “o espaço urbano e o espaço cartográfico são inseparáveis.” (apud NUNES, 2016, p.7). Partindo desta informação vemos que também a concepção de espaço urbano nas representações analisadas parece ter sofrido distorções na leitura quanto às áreas de maior influência e interesse de consumo da cidade pelas potências econômicas.

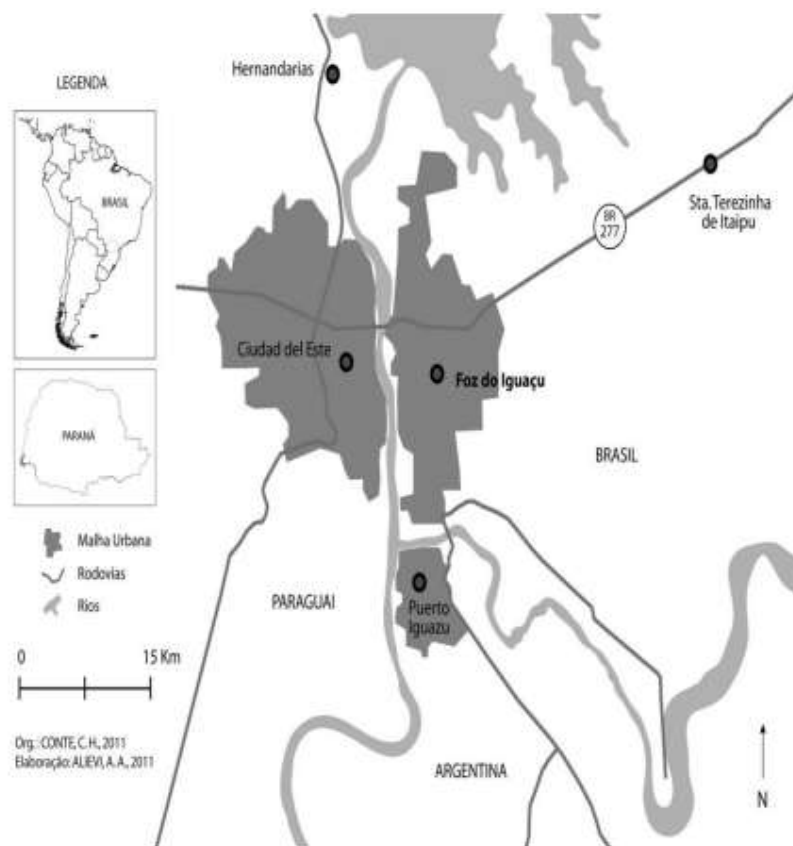
Como no mapa produzido por Ptolomeu, onde retratava o que se conhecia e entendia como o território, aqui na inserção das informações temáticas, áreas e presenças não são interpretadas como parte do mesmo. Espaço urbano pode ser entendido como fenômeno que ocorre em uma cidade (espaço físico), afinal é neste espaço que ocorrem as relações, fenômenos e atividades sociais que a compõem. Pode-se ler também como um aglomerado de pessoas que exercem atividades que não sejam essencialmente de plantio ou agricultura, onde possuam infraestrutura e porcentagem de área construída que denote a um adensamento populacional.

ANÁLISE DO TERRITÓRIO ESTUDADO

A região trinacional, hoje, pode ser descrita como uma fronteira repleta de pluralidades, porém nem sempre exaltadas, estas, podendo ser culturais, de povos, gastronômicas, de atividades, de locais para visitação, entre outras. Com seu desenvolvimento econômico próprio e também em conjunto com as

⁵ Ibidem, p.2.

cidades que integram a região denominada “tríplice fronteira”, Cidade do Leste no Paraguai e Porto Iguaçu na Argentina, esta é uma localidade que pode ser representada de diversas formas. Dentre as atividades desenvolvidas na região, o turismo se destaca, realizando uma prospecção de visitantes e fluxos para o território. Por ser frequentemente através deste meio que são realizadas produções gráficas temáticas do território e por me deparar com algumas destas, que o presente trabalho irá promover a reflexão quanto ao que foi encontrado em uma amostra destes.



Situação da área de estudo. Fonte:(CONTE, 2012, p.19)

Segundo os dados de movimento de voos, disponibilizado pela Secretaria de Turismo do município entre 2018 e 2020, a cidade recebe uma média de 2 milhões de visitantes por ano (Movimento de voos, 2021). O tempo de permanência média de um turista segundo um levantamento técnico divulgado em 2017 pela Secretaria Municipal de Turismo no período de 2010 a 2018 é de 3 dias, e que neste meio tempo, a visitação se concentra nos 2

maiores atrativos: Cataratas do Iguaçu e Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional.

Cronologicamente podemos introduzir sobre a história da cidade como disse CAMPAR e ALENCAR (1997, apud MARTINS e RUSCHMANN, 2010, p.2). Os últimos que precederam os espanhóis e portugueses foram os índios caingangues que chamavam a região de *Arapuka*, devida a sua geografia acidentada. As margens do Rio Iguaçu eram utilizadas pelos indígenas para o culto ao Deus M'Boy e a Tupã (CAMPANA e ALENCAR, 1997).

Estas quedas naturais presentes no Rio Iguaçu que fazem uma fronteira natural e bela com a Argentina, foram cultuadas por estes habitantes originários da região e que possuem até os dias de hoje lendas do que chamamos hoje de Cataratas do Iguaçu. O descobrimento mais retratado em portais de história e propriamente no site da prefeitura é de que a cidade tem “início” em sua trajetória no ano de 1542 orientado pelos indígenas da região o Espanhol Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, tornando-o descobridor das quedas.

Cabe aqui já ressaltar a construção da história do território popularmente propagada com o seu início apenas após a chegada do homem branco. Em que vale ressaltar o território guarani anterior à colonização da área, compreendia muito mais extensão. O limite de fronteira natural implementados fora após a chegada e expulsão dos índios da região de interesse para a intação da colônia militar. Ainda seguem presentes em minorias, espalhadas pelo território, aldeias que lutam para preservação de suas culturas, língua e costumes. A desvalorização e invisibilidade sofrida no retrato histórico de desenvolvimento da região trás fortes reflexos à estas ausências. Pouco se fala da presença indígena, a menos que seja para o interesse comercial, como foi o caso da lenda de M'Boy.

Nesta lenda, conta-se um romantico caso ocorrido na região, onde dois índios não puderam permanecer juntos pois a moça havia sido prometida ao deus das águas da região. M'boy, era uma serpente gigante que regia as prosperidades e castigos vindos das águas. A traição da oferenda resultou na fúria do deus serpente, que furiosamente criou fendas nas águas para virar a canoa dos índios que fugiam de seu destino. Assim esta lenda antiga da cultura indígena na região, ganhou popularidade e potencial na representação comercial quando o potencial monetário da visitaçao do parque pode ser

explorada. Representações indígenas estereotipadas costumeiramente são associadas às imagens de venda da região, itens, produtos, e a própria história da concepção das quedas.

Pouco menos de 350 anos mais tarde fundou-se a colônia militar no local, que seria o marco para a colonização do local. De colônia militar passou a ser chamada de “Vila Iguassu” e apenas em 1914 emancipada do distrito de Guarapuava a cidade se torna Município de Vila Iguacu, e finalmente, Foz do Iguacu 4 anos mais tarde. Ainda assim é considerado o ano de fundação da cidade o período de 1914, então neste ano completando 107 anos (PMFI,2020).

Com as ligações viárias da cidade com a capital do estado sendo estabelecidos novos interesses também foram surgindo, motivadas pela intensificação do comércio que iria por vir com a inauguração da ponte com o país vizinho Paraguai em 1965. Tais eventos traziam cada vez mais interesse para a região e ainda um desenvolvimento, mesmo que em ritmo tranquilo comparado ao que estava por vir.

Na década de 70 o governo do Brasil nota a potencialidade hídrica da região que é banhada por dois rios que se encontram na paisagem que dá nome a região “tríplice fronteira” onde é possível ver os três países delineados pelas águas. O poder militar que governava o país na época decide então construir em conjunto com o Paraguai por conta da fronteira, uma usina hidroelétrica de proporções nunca vistas antes. Tal obra traria um fluxo de pessoas para trabalharem que muda toda a paisagem, dinâmica e urbanização do município que em um período de vinte anos passa de pouco mais de 30 mil habitantes para 136.320 mil, um crescimento de 385%. Este número representa aproximadamente a metade da população atual, sendo que grande parte após a conclusão das obras se estabeleceram, permaneceram e fizeram parte das estruturas urbanas que temos hoje. (PMFI,2020)

Outras características únicas são encontradas nesta região de análise, não apenas as quedas naturais que margeiam a fronteira com a Argentina, mas existem cerca de outras 28 pequenas quedas pelo município. A cidade também é reconhecida como lar de populações, imigrantes e descendentes de diversas nacionalidades, tendo ainda a população móvel que transitam e ou moram nas cidades vizinhas dos outros países.

Esta introdução à história da cidade irá nos fornecer uma base de discussão quanto ao desenvolvimento do que temos hoje como área urbana da cidade e as ausências na representação de sua própria na promoção dos mapas turísticos analisados. Segue o questionamento:

Mas, toda esta história da cidade, representações de pontos graficamente para saber como nos tornamos tudo isso hoje, não deveria ser presente?

Segundo SANTOS (2002, p. 246), “[...] e o que não existe é, na verdade, activamente produzido como tal, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe.”

Inicialmente pensamos que uma cidade deve ao menos ter um museu para contar aos seus próprios habitantes e gerações futuras, sua concepção e desenvolvimento. Tal edificação não existe, ao menos por parte do interesse público para que a atividade seja acessível a todos. A própria história do município apenas é valorizada (produzida e representada) através das heranças que se tornaram rentáveis. A Usina Hidrelétrica de Itaipu promove turisticamente passeios em sua estrutura e fundações de preservação ambiental e desenvolvimento tecnológico. Dentro disto, um de seus atrativos é o “Eco Museu”, que conta brevemente a história das terras onde reside antes e após sua construção. Este é um passeio que se encontra próximo da Usina, ou seja, cerca de 11 km do centro da cidade. Lembrando ainda que a edificação faz parte do circuito de interesse privado, então possui custo para a visita da “história”.

A população de Foz do Iguaçu é de 256,088 mil habitantes (IBGE/2010), Ciudad del Este é de 350 mil e Puerto Iguazú de 80 mil, respectivamente. A população total estimada da Região Trinacional é de aproximadamente 700 mil habitantes, contando a área urbana e rural. (COSTA e SCHEER, 2015). Desta forma, é notório que uma grande parcela da economia da região gira em torno de investimentos no comércio que é frequentado por moradores das localidades fronteiriças, turismo de visita e eventos.

Sendo ainda a principal modalidade de turismo notório na região o turismo de massas. Este, faz com que o visitante procure, e também influenciado pela forma de representação gráfica dos mapas turísticos da

tríplice fronteira que veremos, a transitar apenas para as áreas de principal visitação promovidos. Estes, com grande investimento em marketing e infraestrutura, fazem com que o visitante apenas transite de sua acomodação, ao destino e retorne. Pouco este visitante experimenta as dinâmicas, atividades e rotinas da cidade visitada, apenas com foco nos “destinos” e retorno. A área urbana da cidade de Foz do Iguaçu, segundo LOURDES (1999, p.5), vive basicamente do turismo, comércio e serviços. Esta influência econômica por parte do turismo de massas abrange a população da cidade de diversas formas, sejam diretas ou indiretas, com o fornecimento de mão de obra aos atrativos receptivos e hotelaria ou à venda de serviços diretamente ao visitante.

A pouca diversidade das atividades anunciadas nos mapas ou a desvalorização de roteiros alternativos e complementares, prejudica a riqueza de experiências de diversas formas que poderiam ser proporcionadas ao leitor dos mapas apresentados como turísticos da região. Ao ressaltar os impactos negativos no incentivo de valorização histórica de áreas da cidade e desenvolvimento, este trabalho busca colaborar para uma maior reflexão desta questão. Deve-se ressaltar que:

As distorções intencionais dos mapas geralmente servem à propaganda política e ideológica, impostas pelo governo ou por interesses particulares. O “silêncio” dos mapas consiste na omissão de determinadas informações com a finalidade de ressaltar outras características mais importantes do território. Por fim, a hierarquia pode ser utilizada como forma de atrair a atenção para pontos específicos (NUNES, 2016, p.99)

Por sua vez, ao não se reconhecer nos materiais gráficos, há uma fragilidade de conexão de boa parte da população como integrante deste ambiente divulgado a visitantes externos, uma menor empatia e valorização de seu próprio entorno.

A desproporcionalidade na inserção dos elementos gráficos nos mapas turísticos faz com que a experiência da cidade seja resumida a poucas atividades direcionadas ao turismo de massas. Mas, e a população? onde fica? Como se comporta? Quais suas atividades? rotinas? A cidade também é feita de pessoas e estas expressam e moldam a paisagem, isso não está representado. Outra forma de analisar a sensação de não pertencimento ao território por estes mapas vem da pergunta “onde estou ali?” como poderia um indivíduo encontrar-se no mapa desta forma, sem uma representação da

cidade em si. Alimentando a ideia de que se não está ali desenhado, não é relevante, não importante de ser lembrado. Tais fatores promovem cada vez mais para uma perda da identidade da região para com sua própria população, onde ela mesma vê como a cidade não é para ela, não representada juntamente com ela, e sim para os visitantes. Propagações deste sentimento podem acarretar em prejuízos para a manutenção da cultura local, que não recebe incentivos para a própria manifestação e autorreconhecimento no território.

Andreia Moassab em seu livro “Brasil Periferia(as)”, reliza uma ampla narrativa quanto a importância da preservação da cultura e união estabelecida pelo povo negro no surgimento do hip-hop como instrumento de protesto e manifestação de princípios. Iniciado durante processos políticos, urbanização e direito à cidade realizada em Nova York nos anos 70. Onde a invisibilização e exclusão da população, sendo condicionados a habitações em áreas suburbanas faz crescer movimentos e manifestações em prol da luta contra as hegemonias e segregação social condicionada a normatização de circulação que estava ocorrendo mascarada como urbanização.

As distorções intencionais dos mapas geralmente servem à propaganda política e ideológica, impostas pelo governo ou por interesses particulares. O “silêncio” dos mapas consiste na omissão de determinadas informações com a finalidade de ressaltar outras características mais importantes do território. Por fim, a hierarquia pode ser utilizada como forma de atrair a atenção para pontos específicos (NUNES, 2016, p.99)
(MOASSAB, 2008, p.14)

A expulsão e segregação urbanística social imposta neste período cultivou nesta população o sentimento de não pertencimento, movendo a vontade de ações e movimentos coletivos que originaram expressões culturais, artísticas, musicais que compõem todo o movimento hip-hop. Através disso é possível notar e refletir quanto as ausências condicionadas a eles, e a forma de resistência apresentada. Onde foram silenciados e voltaram com mais voz através de manifestações ricamente culturais e que se popularizaram globalmente nos anos seguintes. Dentro disso, houveram processos de afirmação de valores, composições, artistas, popularização de mídia. Muitos destes fatos ocorridos foram favoráveis e outros nem tanto ao movimento. Existindo ainda uma luta interna no movimento quanto à preservação dos

valores e missões culturais do movimento, sem que haja uma comercialização impensada das simbologias e referências.

Informalmente conhecemos alguns movimentos parecidos no território da tríplice, onde ocorrem batalhas de rima e ritmos próximos ao ocorrido no movimento hip-hop. Mas manifestações culturais como estas muitas vezes são vistas como marginalizadas, bagunça, e acabam sofrendo com o preconceito da maioria da população. Este tipo de manifestação cultural pouco é valorizada por este território, onde não se tem voz. Eventos que prometem uma visibilização de manifestações culturais promovidas pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, acabam por realizar parte desta invisibilização, ao oportunizar apenas condicionadas apresentações, isso quando ocorrem. Ainda existe muito caminho a percorrer pelo desenvolvimento da região em aprender a viabilizar sua própria população e manifestações locais além do comércio.

De maneira geral, como visto nos itens anteriores, é certo afirmar que a trajetória de visitação turística promovida na cidade ignora a cidade em si. O município foi intitulado inúmeras vezes como destino mais procurado do Brasil, tanto para viagens nacionais quanto internacionais, destacando um fluxo anual médio de pouco mais de dois milhões de pessoas segundo dados oficiais do município. A representação e preservação da história do município deveria ser de responsabilidade do município primeiramente, e principalmente com a participação de representações populares para melhor comunicação da população colaborativamente para a construção. Mapas produzidos apenas com interesse de consumo comercial acabam por propagar repetitivamente esta leitura de consumo da cidade apenas para o turismo de massas. Sendo ainda que poderiam assim possibilitar o incentivo à outras modalidades de visitação e motivar o próprio auto reconhecimento da população a partir de suas manifestações locais a ela mesma regionalmente. Promover o conhecimento de culturas próprias, eventos, práticas, produtores locais e etc...

Durante a propagação desta proposta, a valorização histórica de diversas esferas pode ser fomentada. O que demonstra ser uma ação pouco próxima até os dias de hoje tendo em vista que nenhuma das edificações que fazem parte do período de estruturação primária da cidade está tombado, nem ao menos com cuidados mínimos de preservação segundo uma pesquisa simples realizada no site do INPE. Como é possível valorizar-se a história de

um local desta maneira? Nos parece realmente mais cômodo deixar que uma iniciativa privada realize tal função, mas não podemos esquecer que com isso, o fluxo de visitantes é direcionado e concentrado todo a eles.

Foram recolhidos para este estudo e discussão mapas que são disponibilizados de forma física em alguns hotéis e agências de turismo, bem como uma pesquisa rápida da web disponibiliza também mais alguns para enriquecer a repetição de invisibilidades na representação e supervalorização dos principais pontos. É possível notar que os pontos a que nos referimos (Usina de Itaipu e Cataratas do Iguaçu), estão localizadas nas extremidades da cidade, em uma exemplificação simples a forma do território do município forma um “L” em que em cada ponta está uma destas atrações. Como Santos ressalta: “O que é que existe no Sul que escapa à dicotomia Norte/Sul?”

Foram recolhidos cerca de 3 modelos de mapas físicos que são distribuídos hoje no município em hotéis de 2 localidades distintas. Para fomentar ainda mais a discussão poderemos também expor neste trabalho outros mapas facilmente acessíveis em buscas simples de *web* que reforçam ainda mais a repetição de ausências que partes importantes para a cidade historicamente e culturalmente.

A distância percorrida para uma visita em um mesmo dia dos dois pontos utilizando-se das principais vias é de cerca de 17 km. Em que neste percurso a cidade é vista apenas como paisagem breve.



Mapa coletado na web, disponível em: <https://mapasblog.blogspot.com/2011/02/mapas-de-foz-do-iguacu-pr.html> <acesso em: 25/03/2021>

Conforme preceituado por SANTOS (2002) “Não há uma maneira única ou unívoca de não existir, por que são várias as lógicas e os processos através dos quais a não metonímica produz a não existência do que não cabe na sua totalidade e no seu tempo linear. Ainda em SANTOS, ele apresenta 5 principais formas sociais de não existência, no qual destacamos uma:

“[...]a lógica da escala dominante. Nos termos desta lógica, a escala adotada como primordial determina a irrelevância de todas as outras possíveis escalas. Na modernidade ocidental, a escala dominante aparece sob duas formas principais: o universal e o global. O universalismo é a escala das entidades ou realidades que vigoram independentemente de contextos específicos. Tem, por isso, precedência sobre todas as outras realidades que dependem de contextos e que por essa razão são consideradas particularidades ou vernáculos. A globalização é a escala que nos últimos vinte anos adquiriu uma importância sem precedentes nos mais diversos campos sociais. Trata-se da escala que privilegia as entidades ou realidades que alargam o seu âmbito a todos o globo e que, ao fazê-lo adquirem a prerrogativa de designar entidades ou realidades rivais como locais. No âmbito desta

lógica, a não-existência é produzida sob a forma do particular e do local. As entidades ou realidades definidas como particulares ou locais estão aprisionadas em um escalar que as incapacita de serem alternativas credíveis ao que existe de modo universal ou global.”

A lógica dominante destacada acima, é possível de ser observada através da representação gráfica desproporcional em relação a outros elementos nestes mapas. A riqueza de detalhes, ou destaque iconográfico em relação aos outros realiza uma tendência de atração do olhar do leitor acima das outras informações. Há ainda, destaque nas formas de deslocamento principais para percorrer de um ponto destacado ao outro. Porém estas propostas de percurso representam como vazios, e ou “verdes” tudo o que não há o interesse comercial na representação do produtor do conteúdo. O leitor é condicionado a uma invisibilização da cidade em si. Este trecho faz-nos refletir quanto à relação de invisibilização e poder representada pelas instituições que nós faremos no presente estudo como principais pontos que evidenciam uma relação de poder e influência. Diversas destas produções aqui destacadas, partem de motivações de empresas que possuem em sua carta de clientela grande parte do público de visitação e turismo de massas. A forma de poder aplicada na inserção de elementos juntamente com os mais conhecidos replicados no momento (Itaipu e Cataratas), ocorre na inserção de roteiros que favorecem o consumo nestes estabelecimentos. Porém ao compor de forma que todo o restante do território, que não seja o de interesse de destaque, seja representado como “mato”, e vazios, pressupõe ao leitor uma baixa urbanização e possibilidade de circulação em diversas áreas da cidade.



Mapa disponibilizado em grande parte dos hotéis visitados no período do mês de março de 2021, distribuídos pela empresa Loumar Turismo. Foto: da autora)



Mapa elaborado pela rede Rafagnin em parceria com diversos hotéis da cidade, disponibilizado para distribuição nos parceiros e rede, coletado em março de 2021. Foto: da autora)

É notável em todos os exemplos aqui demonstrados graficamente possuem itens representados (ou não) com apontamentos a se fazer, seja pela demasiada informação, ausência de base de escala para medição de distância

dos pontos, legendas, representação equivocada e deslocamento do norte geográfico, que pode ainda ser também um foco de discussão.

Outra forma de ausência notável quando se vê um conjunto de recortes históricos quanto ao desenvolvimento da cidade em seu desenvolvimento e construção, é na relação da Usina de Itaipu para com as vilas operárias construídas para receber os trabalhadores em sua concepção no território. Em nenhum dos mapas acima, são representados estes, que deram suas vidas, tempo, e anos de dedicação para a construção do que hoje é promovido massivamente como potência em produção de energia e visitação turística no território.

Assumir quanto a normalização destas representação ou a leitura deste território como local de apenas consumo comercial é colaborar ainda mais com o processo de invisibilização aqui ressaltado, como vimos afirmado pela reflexão de Leo Name (2007)

Quando falamos em mapas turísticos, várias formas nos vêm à cabeça, mas a principal é a forma tradicional de um mapa, o físico de papel. A necessidade de produção dos mapas para o turismo vem de orientar o visitante quais são as atividades e locais de interesse para a visitação. Vale lembrar que segundo Nogueira (2008, p.33, apud NAME, Leo, LONTRA NACIF, Cristina, 2013) os mapas são “representações gráficas de determinado espaço geográfico, concebidas para transmitir a visão subjetiva ou o conhecimento de alguém ou de poucos para muitos”.

Ao desempenhar este papel de orientar a direção de chegada aos locais indicados, se desenvolve um fluxo de turistas nas rotas apresentadas. Esta, possui um papel fundamental para que o mesmo faça com que a economia se movimente durante a trajetória ao destino e posteriormente na volta à acomodação. Ocorre que através disso a representação do objeto de estudo deste ensaio mostrou que na representação local, os mapas apenas destacam dois principais locais de visitação. Desta forma a informação transmitida ao leitor destes materiais, é de que apenas são limitadas as atividades à estas opções, e assim ele consegue se programar para encerrar sua visita ao município em um tempo reduzido a 3 dias como vimos anteriormente com os dados da Secretaria Municipal de Turismo.

Neste sentido, FIORI (2010) destaca que se analisa a eficácia de um mapa a partir de dois tópicos: informação – o produto precisa ser claro, preciso, de fácil compreensão, buscando o que é mais familiar ao público-usuário. E como meio de divulgação – o produto deve ser criativo, atrativo, sedutor, a fim de estimular, incentivar sentimentos de curiosidade, aventura e sobre a localidade apresentada.

A fim de trazer uma maior complexidade da cidade para além dos dois principais pontos turísticos repetidamente e exageradamente comumente representados. Combatendo uma ideia reducionista do município a poucas referências turísticas. E, assim, entendemos que a riqueza e clareza das informações apresentadas em um mapa influencia e possibilita que o leitor tome decisões e trace novas rotas de acordo com seu perfil. De igual forma, o excesso de informações representadas pode ocasionar um efeito negativo, com a dificuldade de leitura e tomada de decisões.

Neste sentido a conciliação melhor das informações através de sua subdivisão a fim de criar materiais de fácil leitura e compreensão, pode motivar a visitação e novas rotas a serem desenvolvidas trazendo mais visibilidade a diversidade de atividades e permanência do visitante. Atingindo uma grande influência econômica através das novas rotas desenvolvidas e incentivos.

Trabalhos de colegas de universidade produzidos com o mesmo local de estudo trazem outras formas de análise do território, suas centralidades urbanas e representações. Como é o caso de Gilmar Almeida da Silva (SILVA,2018) em seu trabalho de conclusão de curso: CENTRALIDADES E IMAGENS DE FRONTEIRA: A relação de Foz do Iguaçu com seu contexto local. E também Oswaldo (FREITEZ, 2018), com seu trabalho de conclusão de curso: Diseñar desde lo subalterno: lenguaje y representación gráfica en arquitectura. Neste desenvolve quanto a forma de representação e linguagem, trazendo novas propostas e diversas pluralidades gráficas. Destacando os parâmetros reproduzidos historicamente herdados quanto a forma de representação e projetar dentro da arquitetura, através de uma tentativa falha de padronização e universalização dos corpos em moldes “branco burguês”. Assim Oswaldo também destacada a invisibilização proporcionada por estas proposições de formas de representações através de moldes. Estes,

comumente referenciados para estudantes de Arquitetura e Urbanismo em manuais de representação e projeto durante sua formação.

Como por ejemplo el “modulor” del arquitecto francés Le Cobusier (1887-1965). El modulor pretende sé erigir un canon de medición universal, teniendo como sustento las medidas del hombre caucásico europeo de 1.83 m a través de la medida de Fibonacci⁶.

É importante destacar que o direcionamento e leituras possíveis a partir dos mapas acima podem ocasionar uma conclusão equivocada sobre dinâmicas e características da região e de sua população, ou como estamos vendo, a ausência de suas representações. A representação gráfica sendo uma forma de comunicação, o que não está sendo comunicado está se entendendo como ausente do território. Os “modos de vida”, como ressaltados no trabalho de Oswaldo Freitez, não são destacados nem mesmo como parte da representação, conclui-se que não são parte do representado então, não existindo :”Por lo que al diseñar herramientas los humanos diseñamos las condiciones de nuestra existencia” (FREITEZ, 2018. p.50)

Para promover um autoconhecimento, manifestação social e auto afirmação de suas culturas, as propostas aqui serão realizadas para motivar este conhecimento que pode ser colaborativo em sua construção. A padronização de desenhos muitas vezes pode acabar por assumir narrativas e conclusões de um modo de vida não condizente com as realidades, como destaca Oswaldo em sua análise na aplicação de projetos arquitetônicos e paisagísticos. Afirmando ainda que todo desenho é uma resposta às relações sociais no espaço tempo. Nesse sentido vejo que elas poderiam ser retratadas de forma mais popular, com formas de leituras simplificadas e diretas para abranger ainda mais leitores e populações de suas representações no território, evidenciando as existências nas ausências.

⁶ Metodologia matemática que se utiliza números inteiros para realização de uma sucessão numérica através da soma dos dois números anteriores (0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55...). A frequência no âmbito da arquitetura é utilizada para a determinação de proporcionalidade de métricas.

ANTI-MAPAS

Em uma cidade com dados populacionais que traduzem uma população residente no território de cerca de 250 mil habitantes, assumir através da representação que todos residem em um centro composto por poucas ruas, como ocorre em diversos mapas aqui expostos chega a ser hilário. Não somente na cidade de Foz do Iguaçu, mas ao analisarmos dados populacionais, imagens via satélite é notória a invisibilização da dimensão de cada município da tríplice fronteira e seu reducionismo direcionado.

Neste capítulo se desenvolverá parte da discussão e itens a serem analisados para fundamentar a realização do produto final desta pesquisa. Uma oportunidade para propor e repensar a forma de representação da base cartográfica utilizada também para expor os dados temáticos que irão enriquecer e estabelecer visibilidade.

“Así, todos los diseños, incluso aquellos dentro del campo de arquitectura atreves realizados a través de lenguajes de representación gráfica, son una respuesta a las relaciones sociales en el espacio-tiempo. Por lo que tales diseños y sus lenguajes proponen, leen y crean a partir de formas específicas geo-históricamente situadas forma de vivir, construir y experiencia el espacio. (Ibid., p.50)

O que precisa mapear e como isso será feito. Pesquisar em redes sociais informações dispersas sobre a cidade e unificá-las numa única base: atividades da Fundação Cultural pela cidade; grupo história de foz; grupo de ciclistas de foz; mapa dos terreiros da cidade; atividades ecológicas;

As demais formas de turismo alternativo, apenas consegue chegar ao conhecimento dos visitantes por meio de redes sociais com divulgações ou indicações de moradores locais. Mas, por que esta dificuldade de acesso a esta informação, afinal o turista não poderia ter poder de escolha sobre os locais de visita para que se adeque ao seu perfil e interesses? CAMARGO (1998) já destacava o interesse turístico, justificado pela quebra das rotinas temporal e espacial, as quais proporcionam experiências vividas (paisagens, pessoas, costumes) fora da cidade onde o indivíduo mora.

Diante dos exemplos acima é fácil concluir que uma ampla variedade de possibilidades de experiências em suas diversas formas se torna mais atrativo ao visitante. Fazendo com que sua permanência seja estendida com o intuito de participação e experimentação de todas as atividades pretendidas por cada um. Tal ação possui efeito positivo em uma cidade como a de estudo que possui maior parte de sua economia baseada no turismo.

A representação gráfica desempenha um importante papel na forma de comunicação da informação constante no mapa. Podendo explorar de acordo com suas intenções a representação gráfica através de símbolos, pontos, indicações, figuras, ilustrações entre outros. Todas estas variáveis dependem e definem muitas vezes todo um roteiro de um visitante da região empregada na representação. Esta elaboração hoje já conta com diversas ferramentas auxiliares gráfica e digitalmente para sua elaboração, tornando cada vez mais fácil e acessível sua produção. Porém isso pode ser também um fator que desfavorece pela facilidade de elaboração do mapa pois quaisquer interesse e direcionamento. Segundo FERNANDES, MENEZES e SILVA (2008), os mapas para o lazer e turismo se dividem em duas áreas de estudos: planejamento e gestão das atividades empreendidas na localidade, e outra diretamente preocupada com a orientação do visitante [...].

A utilização de formas abstratas, geométricas para a representação da cidade, quadras e ruas facilitam e dinamizam a leitura por parte do visitante para encontrar seus destinos. Segundo Fiori (2010), “o nível de abstração proporciona uma leitura mais rápida e direta. Somando a isso, os produtos convencionais se qualificam pela menor poluição visual e o uso muito mais frequente da escala gráfica, o que evidencia uma menor descaracterização da base cartográfica. Outro aspecto importante é que em grande parte dos trabalhos apresenta a indicação correta do Norte Geográfico, títulos e legendas melhor estruturados.

Em nossos exemplos discutidos mais à frente o principal tipo de representação utilizada é a pictórica onde ilustrações com representação e símbolos com similaridades físicas com o real tomam a localização indicativa.

Ressalto que neste capítulo podemos ver ainda alguns exemplos de representação gráfica utilizada em outras localidades para exemplificação de temas que podem ser abordados.

- ESCOLHA DA BASE E TEMAS

Para a construção da forma de identificação da escala pelo leitor, foram analisadas diversas possibilidades. Como estamos fazendo uma análise do território da tríplice fronteira, onde entendemos que as cidades possuem uma interação recorrente em diversos segmentos e acima de tudo de pessoas, é necessário que analisemos as cidades todas em um recorte apenas. A opção de um mapa planificado irá nos permitir uma leitura mais dinâmica sobre o território evitando assim excessos de elementos como vimos anteriormente, como podem dificultar a interpretação e provocar ainda, o desinteresse do leitor nas informações apresentadas pelo adensamento. E, para facilitar a comunicação e abrangência da leitura do mapa, foram propostos círculos radiais, partindo do centro do encontro das águas na tríplice fronteira. A unidade de medida escolhida em quilômetros, os raios que emanam do centro das águas, vem sendo presentes em números múltiplos de três, assim, de uma linha à outra é possível identificar que possuem uma distância de três quilômetros e vem se somando conforme mais longe for um ponto do outro. Desta forma, o leitor pode ter uma melhor ideia quanto a distância de locomoção que poderia tomar de um ponto ao outro do mapa, antes de tomar a decisão da modal a qual irá optar e se planejar melhor. Esta forma de aplicação em radiais também permite ao leitor a percepção quanto à proximidade dos pontos destacados, assim podemos exaltar as presença e repetições de povos, atividades ou outra informação que esteja sendo fornecida, reiterando sua presença forte no território. Partindo disso, ainda podemos ter o panorama de como possivelmente estes se comunicam com as atividades semelhantes nos outros países, a região como um todo e suas presenças, ou ainda, quando não presentes em outras, promover a reflexão do por que não? O que falta para ter isso lá também? Se o território como um todo possui tanta troca, tanto fluxo das pessoas pelos 3 países, as suas características individuais agem de qual forma sobre tal assunto?

A base foi construída a partir de pesquisas de todas as cidades, em que foi observado através de imagens de satélite seus adensamentos urbanos, concentrações em bairros, centros comerciais e dinâmicas superficiais

identificáveis remotamente. Também foi realizada uma consulta ao mapa de sistema viário básico do município de Foz do Iguaçu, para identificação de quais vias poderiam ser destacadas para acessos e referências aos locais destacados do tema de cada mapa. Para a Cidade do Leste foi realizada a consulta na base de dados disponível em Dwg e consultas à mapas online. Já para Porto Iguaçu foram utilizadas apenas consultas via web e orientação com mapas online, onde até o momento é a cidade com menos dados disponíveis.

Bairros antes pouco representados possuíam ainda reflexos às suas populações de sentimento de não pertencimento à cidade inserida. Englobando-as na leitura, mostrando que fazem parte na representação da cidade, estimulam a compreensão e autoconhecimento. Os temas elegidos tem como principal objetivo a visibilização de povos, atividades e características que fazem parte da região trinacional em suas diversas particularidades e origens e que podem ser melhor representadas, reconhecidas e respeitadas a partir de sua evidenciação. Promovendo o autoconhecimento destes que aqui serão destacados e para que a própria população também conheça estas ausências, cultivando o sentimento de pluralidade que podemos representar pela tríplice fronteira. A partir ainda da existência destas produções podem ser realizados incentivos às visitas e roteiros alternativos por visitantes e população em momentos de lazer e cultura.

Diversas ideias para a construção destas narrativas nos anti-mapas foram surgindo conforme as pesquisas e reflexões como:

- Anti-Mapa de linhas de ônibus
- Anti-Mapa de caminhos espirituais
- Anti-Mapa guarani
- Anti-Mapa de trilhas e turismo ecológico
- Anti-Mapa gastronômico típico
- Anti-Mapa terreiros da fronteira
- Anti-Mapa feiras locais

A partir do recorte da possibilidade de temas e consulta a bibliografias e dados disponíveis. O projeto de extensão “Orixás em terras de M’Boi: mapeando os espaços e especializações afro-brasileiras em Foz do Iguaçu. realizado pela professora orientadora Andreia Moassab, juntamente com colegas de instituição poderia contribuir com a introdução e base de dados iniciais da investigação para a produção gráfica.

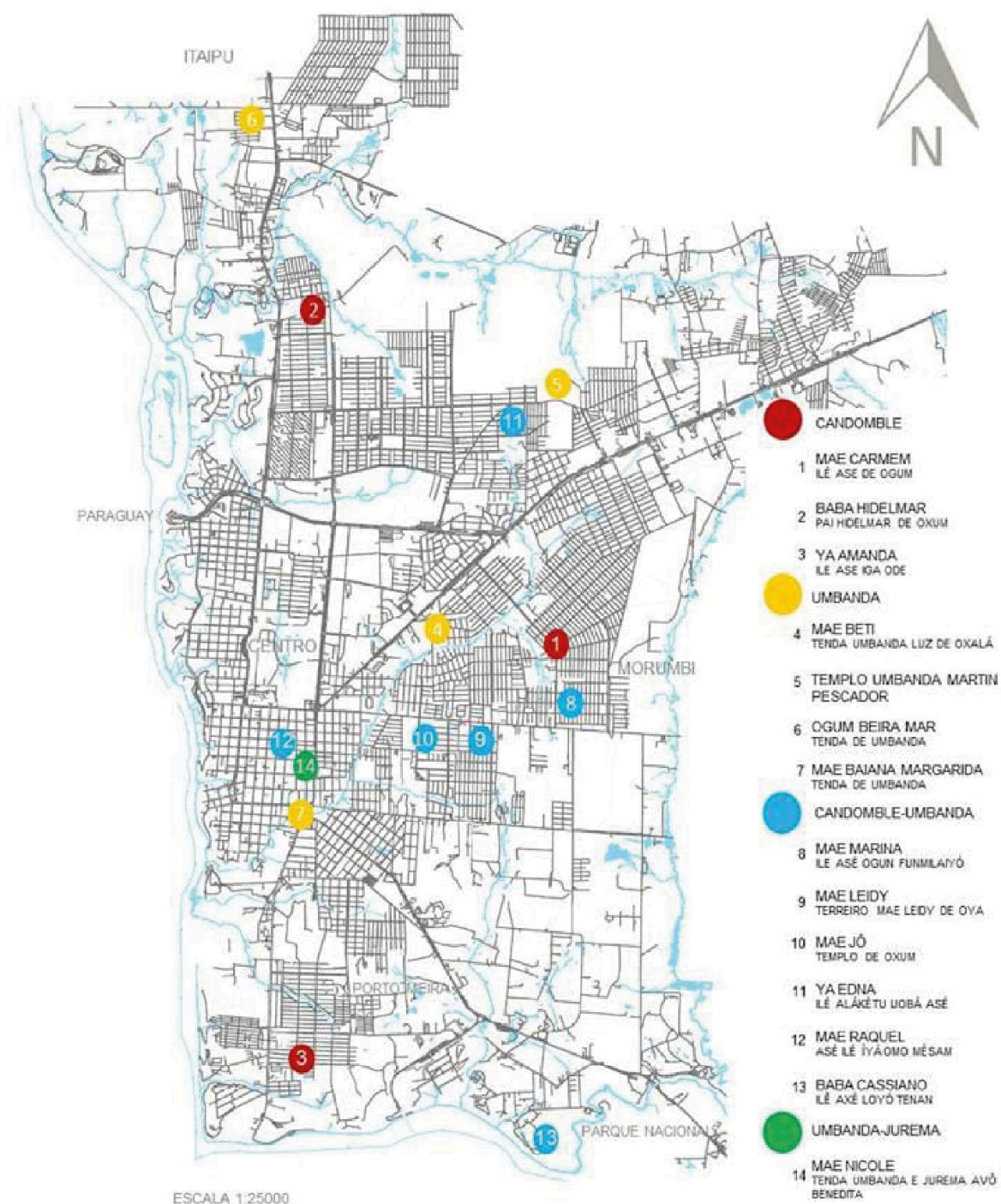
Através disso, possibilitou também o estabelecimento de contato com a Secretaria de Direitos Humanos de Foz do Iguaçu, que forneceu algumas fichas de cadastramentos realizadas na última reunião do Grupo de Trabalho de terreiros da região, onde constam algumas informações sobre os nomes, lideranças e contato. As fichas foram analisadas individualmente escaneadas e

também disponibilizadas em seu formato digital à Secretaria que apenas as possuía de forma física.



Escaneamento das informações de fichas de cadastramento reunião GT 2019. Fonte: da autora.

As informações obtidas através das fichas, juntamente com os dados e mapeamento realizado no projeto de extensão Orixás de M'boi, somadas resultaram até o momento em cerca de 23 localidades de cultos de religiões de matriz africanas na região da tríplice fronteira. Este mapeamento contribui para a afirmação desta atividade e respeito à religião e sua presença no território. Por uma preservação entendo que ainda hoje existem diversos casos de perseguições e violência à estas religiões e espaços de culto, o mapeamento apenas de forma iconográfica manifesta a presença do terreiro na região do território que abrange. Informações quanto a suas localidades, contato e participação dos rituais podem ser obtidas através da Secretaria de Direitos Humanos, que realiza a intermediação preservando o respeito a todos e integridade.





ORIXAS EM TERRAS DE M'BOI

LOCALIZAÇÃO DOS TERREIROS EM FOZ DO IGUAÇU

ANDREIA moassab
Orientadora

SERGIO bellino
GRIVAN mendes
MAURICIO santos
Bolsistas

Mapeamento realizado pelo projeto de extensão

NOME	FUNDAÇÃO	FAMÍLIA	LIDERANÇAS	SEXO/IDADE	COR	NATURALIDADE
REINO DE OXALA	-	CANDOMBLÉ	MÃE NICOLE	F/42	BRANCA	BR
YLE ASE OJU EJO OBA/ REGIDO POR OXASSI E OY	12/10/2012	CANDOMBLÉ	PAI JORGINHO/ BARBALORIXA	M/50	-	BR
TEMPLO DE UMBANDA FORÇA DIVINA DOS ORIXÁS	-	UMBANDA	ANDREIA / JEAN CARLO	F/40/M/44	-	BR
YNDIA MORIGÍ	-	CANDOMBLÉ	YNDIA	F	PARDA	BR
YLÊ AXÉ YEMANJA OXOSSÍ E CABOCLO 7 LÉGUAS	-	CANDOMBLÉ	IRIS OGÚN	M/29	MORENA	BR
YLÊ ASÉ OJPU OGUN FUNMILAYO	-	CANDOMBLÉ	YALASÉ ROBERTA DE OGÚN			BR
ILE ALAKETU IJOBA BAYO ASE BARU OROBOLAPE	-	CANDOMBLÉ	EDNA DE BARU			BR
CABOCLO GIRA MUNDO E MESTRE ZÉ PILINTRA	-	UMBANDA	PAI PEQUENO EDILSON/ PAI MARCOS DE OGUN			
CASA DE OGÚM	-	CANDOMBLÉ	MARLI			
ILÉ ASÉ AMIM ODARÁ	-	CANDOMBLÉ	IDELMAR			
ILÉ ASÉ DE OGUM	-	CANDOMBLÉ	MÃE CARMEM			
TENDA UMBANDA LUZ DE OXALÁ	-	UMBANDA	MÃE BETI			
TEMPLO DE UMBANDA MARTIN PESCADOR	-	UMBANDA	-			
TENDA UMBANDA LUZ DE OXALÁ	-	UMBANDA	OGUN BEIRA MAR			
ILÉ ASÉ IGA ODE	-	CANDOMBLÉ	YA AMANDA			
TERREIRO MÃE LEIDY	-	UMBANDA	MÃE LEIDY DE OYA			
TEMPLO DE OXÚM	-	UMBANDA	MÃE JÔ			
ASÉ ILÉ IYAOMO MESAM		CANDOMBLÉ	MÃE RAQUEL			
ILE AXE LOYO TENAN	-	CANDOMBLÉ	BABA CASSIANO	-		

Tabela de dados produzida para a produção do anti-mapa.

• ICONOGRAFIA

A escolha da utilização de ícones para a melhor localização da informação parte da metodologia analisada por Fiori nos mapas convencionais. Eles vem como elementos de comunicação rápida nos pontos alocados. A construção destes ícones tinha como objetivo também fazer uma representação direta à informação que representa, desta forma foi realizada uma pesquisa para determinar a melhor simbologia que poderia ser aplicada.

No caso da temática de terreiros, em ambas as religiões demonstradas no mapa produzido, a grande presença das mulheres e ainda mulheres em posição de liderança nas estruturas da religiões chama a atenção. Assim, foi observado também as tipicidades nas vestimentas utilizadas durante os rituais, estas, são muito valorizadas. Geralmente utilizam vestimentas brancas, coloridas são utilizadas quando para homenagear ou representar um orixá e a cor que o representa. As vestes compõem-se por volumes em panos compostos em camadas e amarrações, juntamente com outros elementos de ornamentação como jóias ou búzios. Em destaque foi observado a presença sempre dos chamados ojás ou toço, que são como turbantes, compostos por um tecido ou um pano em amarração à cabeça, seguindo a composição de cores da vestimenta do dia. Visto como uma peça de grande importância sagrada na composição para o ritual, também foi destaque característico para a representação no ícone.

Algumas referências fotográficas foram utilizadas durante o esboço da representação iconográfica, onde foram também observados posicionamentos e movimentos das danças realizadas nos rituais. Os contornos e formas compõem o corpo e destacam o vestido e o ojá, mais adiante na imagem podemos ver a evolução na implementação de cores. A escolha das cores foi realizada para dialogar com os cultos a orixás também representados, a escolha de tons segue dialogando com a base do mapa, em tons mais fechados. Fez-se também parte da análise e composição, a reflexão quanto a representação de cor de pele no ícone, pois hoje existem variadas pluralidades de pessoas que praticam estas religiões, assim uma cor não humana foi empregada à esta representação gráfica (roxo). Elegidos em duas cores principais, os ícones representam 2 famílias das religiões de matriz africanas que irão ser localizadas nas regiões do mapa.

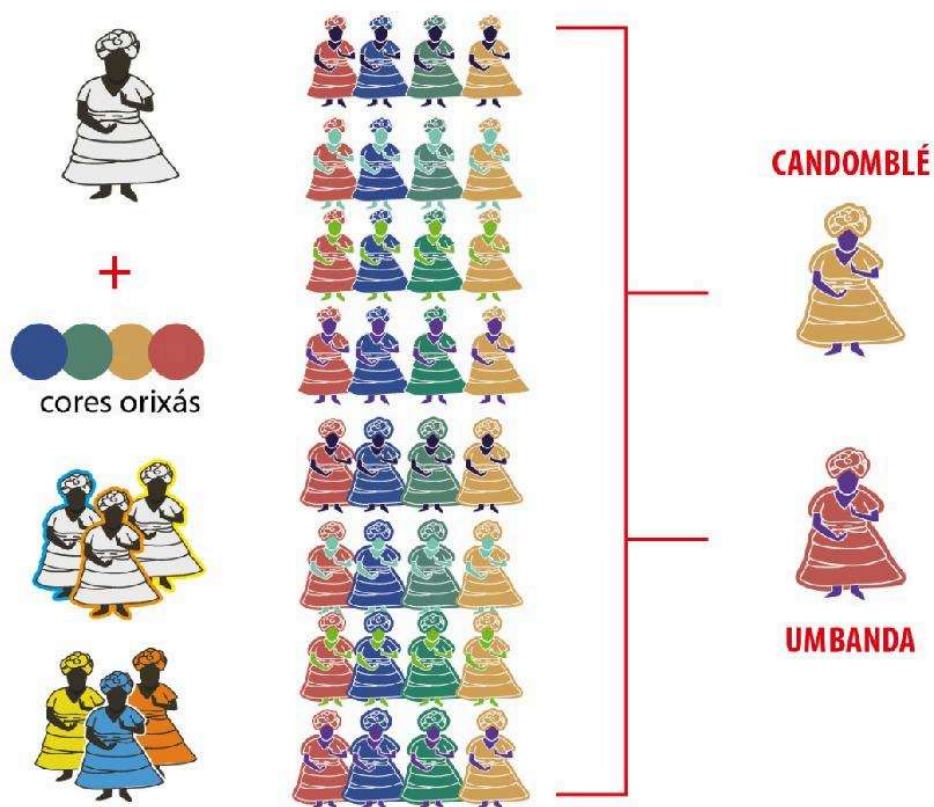
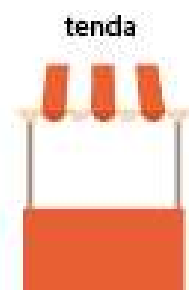
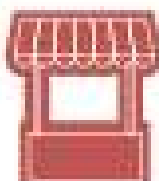
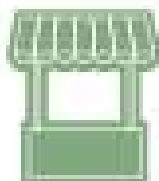


Imagem: explicação gráfica da construção dos ícones sobre terreiros. Fonte: da autora.



+



teste de contraste

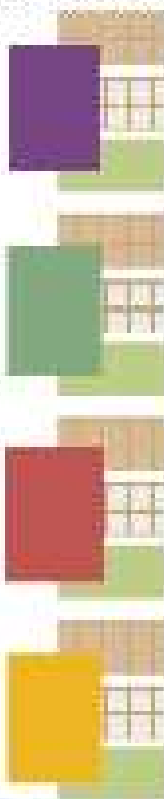


Imagem: explicação gráfica da construção dos ícones sobre feiras locais. Fonte: da autora.

A construção do ícone que representa as feiras locais que são realizadas na cidade partiu da figura do equipamento tipicamente encontrada nestes encontros, a tenda. A tenda utilizada por muitos feirantes para abrigarem seus produtos oferecidos no encontro popular, é uma representação forte da presença do feirante e como também pode marcar seu espaço e delimitação com os outros participantes. Feiras populares costumam ter organizações internas ou regidas por órgãos culturais das prefeituras, como é o caso de Foz do Iguaçu. Os formatos da tenda foram traçados em seu contorno simples, e aplicada as cores da paleta adotada para toda a base, onde ainda foi realizado o teste de contraste, para que se destaque no mapa. Os dados para compor este mapa foram disponibilizados no caso de Foz do Iguaçu, pela Fundação Cultural, que possui um cronograma de feiras por diversas partes da cidade, em que divulgam por mídias de internet da prefeitura. Outra base de dados que também foi utilizada, em pesquisas em grupos do Facebook, onde moradores da cidade buscam produtos locais, e ou localização de feiras livres. Em Cidade do Leste, ocorre frente a um mercado popularmente frequentado por parte da população. Com uma frequência de uma a duas vezes por semana produtos locais e típicos da região são comercializados. Em Porto Iguaçu, existe a feirinha mais famosa da cidade, onde os feirantes construíram uma espécie de circuito que pode ser percorrido apenas por pedestres. As tendas dispõem seus produtos logo à beirada dos transeuntes, oferecendo principalmente alimentos e bebidas como produtos locais.

Os pássaros que exercem a função de indicação dos pontos cardeais foram escolhidos conforme sua incidência no recorte do território de análise. A intenção é compor uma melhor visibilidade e conhecimento da fauna local através destas representações e ainda, não utilizar a forma mais comum de indicação do norte geográfico com rosa dos ventos ou algo próximo de uma bússola. A referência a estas antigas formas tradicionais de elementos no mapa, são heranças da propagação e repetição de construções eurocêntricas e hegemônicas. Assim, para permanecer a indicação com a função de orientação do leitor quanto às direções, e com a intenção de propor outras formas de representação destes, os pássaros da região posicionados com as asas abertas nos proporcionarão esta ferramenta.



Imagem: explicação gráfica da construção do ícone de pontos cardeais, pássaro nativo: Canário da Terra. Fonte: da autora.



Imagem: explicação gráfica da construção do ícone de pontos cardeais, pássaro nativo: Periquito-de-encontro-amarelo . Fonte: da autora.

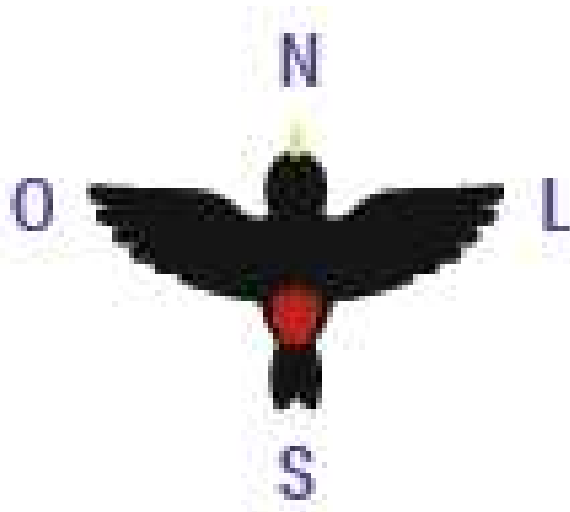


Imagem: explicação gráfica da construção do ícone de pontos cardeais, pássaro nativo: Guaxe. Fonte: da autora.



Imagem: explicação gráfica da construção do ícone de pontos cardeais, pássaro nativo:



Bonito-lindo. Fonte: da autora.

Imagem: explicação gráfica da composição de cores e paleta escolhida para a base de trabalho e elementos. Fonte: da autora.

PERSONAGENS FACILITADORES

A escolha de utilizar personagens no mapa, parte de uma interpretação de que quando um assunto pode ser associado à um interlocutor, que caracteriza a temática, costuma ter maior aceitação do assunto e comunicar-se melhor pela afeição que o humano exerce ao ver uma representação gráfica. Personagens podem ser interativos com o assunto, chamar a atenção para informações adicionais ou promover um diálogo. Condicionamento de personagens possuem um engajamento maior quanto mais puderem ser explorados sua interatividade com o leitor. Aqui foram elegidos primeiramente um apanhado de pesquisa sobre animais presentes na fauna local e nos três territórios estudados. Em seguida alguns foram selecionados principalmente por não possuírem sua imagem explorada comercialmente pelas instituições e empresas presentes no território, ou ainda associadas à projetos de preservação que ocorrem, como por exemplo o projeto onça pintada do Parque Nacional do Iguaçu.

A escolha também foi baseada na possibilidade de conscientização sobre estes animais, já que sua presença no território deve ser enfatizada e destacada. Seguindo a motivação principal dos anti-mapas, os personagens também vem para ressaltar as ausências sobre suas faltas e presenças. Animais com a variação do nome em guarani tiveram preferência na seleção da fauna local, assim podem realizar também um diálogo direto das raízes indígenas pré existentes no recorte local. A não existência indígena projetada nas leituras anteriores motivam a necessidade de inserção da temática nos mapas, representações e pesquisa na construção deste estudo.

Segue os animais classificados como potenciais personagens interlocutores de diversos mapas que podem ser desenvolvidos a partir deste trabalho, bem como a consolidação de alguns:

- M'Boy (nome em guarani se refere grande serpente) – Jararaca
- Nhandu (nome em guarani se refere à aranhas) – Aranha armadeira
- Ta'Tu (nome em guarani se refere ao tatu) – Tatu galinha
- Coandu (nome guarani se refere ao porco espinho) – Porco espinho

Tendo ainda fortemente a motivação da escolha da aranha como interlocutora dos mapas de terreiros pelo simbolismo aplicado pela representação o Anasi, entidade religiosa presente nas religiões de matriz africana. Sua simbologia é aplicada às representações de teias e resistência, por ser auto suficiente, com a produção de seu próprio material de captura de comida.



Imagem: explicação gráfica da construção do personagem Anansi. Fonte: da autora.



Imagem: explicação gráfica da construção do personagem Trix. Fonte: da autora.

Os objetivos gerais pretendidos por este trabalho visa analisar as representações gráficas dos mapas turísticos da tríplice fronteira. A fim de promover uma reflexão quanto às ausências que ocorrem nestas representações, ausências da própria população e pluralidade do território. Ampliar a diversidade de representação dos grupos e locais significativos para a história e cultura. Elaborar um guia de rotas temáticas experimentais no território das cidades. Colaborar para o debate sobre possíveis melhorias e diversidade do turismo local Melhorar a representação da população fronteiriça em seu próprio território. Ampliar o auto-reconhecimento da população local no material de divulgação da cidade. Propor novos mapas temáticos para visibilizar atividades e locais por temas de abrangência.

CONCLUSÃO

Este ensaio crítico propositivo experimental acerca dos mapas das ausências de Foz do Iguaçu, emerge se uma vontade de mudança e representação. Para a realização destas análises fez-se necessária a visita de forma física a redes hoteleiras e agências de turismo para a coleta de material impresso (mapas) que são disponibilizados e distribuídos aos turistas em Foz do Iguaçu. As análises aqui expostas destes materiais analisados juntamente com a introdução histórica e dinâmicas de poder que podem ser identificadas a partir disso, possibilitam uma reflexão quanto às cargas possíveis de identificar na produção da não existência nestes mapas. O estímulo à análise crítica fomentada, propõe uma leitura distinta do que comumente se conclui ao vermos um mapa, revendo todas as representações e analisando os processos que podem ter ocorrido para aquele resultado.

Todo um conhecimento quanto às origens históricas da região, seu desenvolvimento e exploração para um fim apenas comercial de consumo turístico, contribuem para a vontade de mudanças na forma de leitura da paisagem e influência da motivação da visibilidade e auto reconhecimento de populações. Os reflexos atuais destas produções de consumo da cidade ignoram suas heranças deixadas ao município, e representam apenas o que se orgulha de ser conquistas oriundas da construção. Os pilares que os sustentam são jogados a uma falsa representação ou ausência dela nos mapas.

Em sua abordagem de discussão quanto a cartografia turística FIORI (2010) destaca que, "Naturalmente é fato que, qualquer pessoa motivada a viajar, seleciona certas destinações como possíveis escolhas. Por isso, o primeiro impacto visual do mapa objetiva a principal vocação turística do destino, já "nomeando" a localidade [...]". A visibilidade da essência e complexidade de uma cidade é visitada por mais de 2 milhões de pessoas anualmente, mas que não se recordam da cidade em si, apenas dos dois principais atrativos do local.

Ao final, são diversas as formas de direcionamento dos visitantes que levam a conclusões precipitadas pela falta de informação e divulgação de outras atividades que poderiam ser experiências. Produzindo (e reproduzindo)

uma informação gráfica da não existência e leitura hierárquica da circulação urbana.

Tal visão considera que todos os visitantes possuem um perfil único de interesses em locais de visitação. Quem, com a nova proposta pode melhorar a economia local, promovendo novas rotas e aumentando a permanência de hospedagem para que consigam experiência o máximo possível.

A partir desta iniciativa de reflexão podem emergir uma infinidade de novas experiências a serem representadas nos mapas temáticos propostos. Nestes, que poderão ser organizados de forma a não saturar e confundir durante a leitura pela informação desordenada ou demasiada, poderá desencadear uma série de reflexões e discussões acerca de seu assunto abordado e propostas. Podendo exercer ainda um papel social motivando pela reafirmação e autoconhecimento com a iniciativa de novos fluxos, manifestações culturais, respeito e visibilidade.

Se o espaço da cidade pode ser descrito como local onde ocorre a aglomeração de pessoas, onde ocorrem trocas, manifestações culturais, comunicação e convivência. Por que em uma representação gráfica o que nossos presentes e pluralidades mesmo que manifestações de grupos não estão representadas? Se estas fazem parte do contexto e território abordado.

Assim como pudemos ver quanto ao surgimento do movimento hip-hop motivado pela necessidade de resistência, união e autoconhecimento como parte de algo. As propostas aqui realizadas na produção de mapas temáticos diversos vem dessa necessidade, de representação do território com as pessoas e características presentes, e não só como produto de consumo comercial de visitação.

Os personagens propostos possuem uma função fundamental na produção gráfica a fim de caracterizar e representar de forma que a população da região se sinta parte da proposta. A apropriação afetiva com os personagens pode alavancar sua divulgação e auxiliar no diálogo com o leitor de forma simples e direta de acordo com o mapa empregado a cada um.

BIBLIOGRAFIA

BRIAN Harley, «Mapas, saber e poder», *Confins* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 24 abril 2009, consultado 07 abril 2021. URL: <http://journals.openedition.org/confins/5724>;

BROTON, Jerry. Uma história do mundo em doze mapas. Tradução: Pedro Maia. Editora Zahar. São Paulo, 2014.

SILVA, Gilmar Almeida da. Centralidades y imágenes de frontera: La relación de Foz do Iguaçu com su contexto local. 2018. Trabajo de conclusión de curso (Graduación en Arquitectura y Urbanismo) –Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2018.

Ribeiro, Danilo George. Metamorfoses na cidade: tensões e contradições na produção e apropriação do espaço urbano em Foz do Iguaçu. Danilo George Ribeiro. Toledo, PR: [s.n], 2015.

MARTINS e RUSCHMANN. Desenvolvimento Histórico Turístico Estudo de Caso: Foz do Iguaçu-PR. Caxias do Sul, RS, BRASIL. In: ANAIS DO VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2010.

NAME, L.; SILVA, G.A. Tudo é tão simples que cabe em poucos folhetos: dimensões da centralidade turística na área transfronteiriça de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e Ciudad Del Este. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 15, 2015. Havana. Anales... Havana: EGAL, 2015.

PIRES DO RIO, G.A.; NAME, L. Patrimonialização e gestão do território na tríplice fronteira Brasil-Argentina e Paraguai. CONGRESSO INTERNACIONAL

DE GEOGRAFÍA DE AMÉRICA LATINA, 8, 2014. Madrid. Anales... Madrid: AGEAL, 2014.

NUNES, Mônica Balestrin. Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 65, p. 96-119, dez. 2016.

NAME, L. Rio for Partiers: como ser um jovem estrangeiro na capital carioca. Cadernos de antropologia e imagem, v. 25, n. 2, p. 79-96, 2007.

MOASSAB, Andréia. Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do Hip-Hop. 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOASSAB, Andréia. OS ORIXÁS EM TERRAS DE MBOI: mapeando os espaços e espacializações afro-brasileiras em Foz do Iguaçu. Projeto de Extensão. UNILA/PROEX. 2014.

FIORI, S. R. (2010) - Cartografia e as dimensões do lazer e turismo: o potencial dos tipos de representação cartográfica. Revista Brasileira de Cartografia, Brasil, n. 62, p.527-542, 2010.

FIORI, S. R. (2003) - Mapas turísticos: o desafio do uso da arte na era digital. Dissertação de Mestrado – Depto. de Geografia, FFLCH/USP, 204p.

FIORI, S. R. . (2008) - Mapas para o turismo e a interatividade - proposta teórica e prática. Tese de Doutorado - Depto. de Geografia, FFLCH-USP, p.310.

FREITEZ C., Oswaldo. Diseñar desde lo subalterno: lenguaje y representación gráfica en arquitectura. 2018. 154 p. Trabajo de Conclusión de Curso (Graduación en Arquitectura y Urbanismo) — Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2018.

FERNANDES, M.C; MENEZES, P. M. L.; SILVA, MVLC. (2008) - Cartografia e turismo: discussão de conceitos aplicados às necessidades da cartografia turística. Revista Brasileira de Cartografia, v. 60, p. 1-8.

FERREIRA, Lourde M. ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS DA ATUALIDADE. Encarte 4 - CONTEXTO REGIONAL. 1999. consultado 8 de Maio de 2021. URL: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coser/vacao/encarte4.pdf>

ANDRADE, Jéssica Fernanda da Silva. 2014. Desenvolvimento econômico de Foz do Iguaçu: considerações sobre a Usina Hidrelétrica de Itaipu. 64 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento) – Universidade Federal da Integração LatinoAmericana, Foz do Iguaçu, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, Outubro de 2002, p. 237-280

CAMARGO, L.O.L. (2001) - Sociologia do lazer. In: ANSARAH, M.G.R. (Org.). Turismo: como aprender, como ensinar . São Paulo: Editora Senac São Paulo, p.235-273. (Volume 2)

CAMARGO, L.O.L.. (1998) - Educação para o lazer São Paulo: Editora Moderna, 160p.

COSTA, R. S.; SCHEER, A. M. TRÍPLICE FRONTEIRA (AR/BR/PY): ESTUDO DA VARIABILIDADE CLIMÁTICA, PERÍODO DE 1990 A 2013. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, XV. 2015, Havana , CUBA.

CONTE, Cláudia Heloiza. Foz do Iguaçu - PR na rede de cidades. 2012.203f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2012.

História da cidade de Foz do Iguaçu -IBGE. Disponível em :<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/historico> <acesso em: 12 de maio de 2021>

História da cidade de Foz do Iguaçu - PORTAL PÚBLICO DO MUNICÍPIO. Disponível em <http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/%3Bjsessionid%3D0abd35b355d24fe78246fabcf6?idMenu=1009> <acesso em: 11 de maio de 2021>

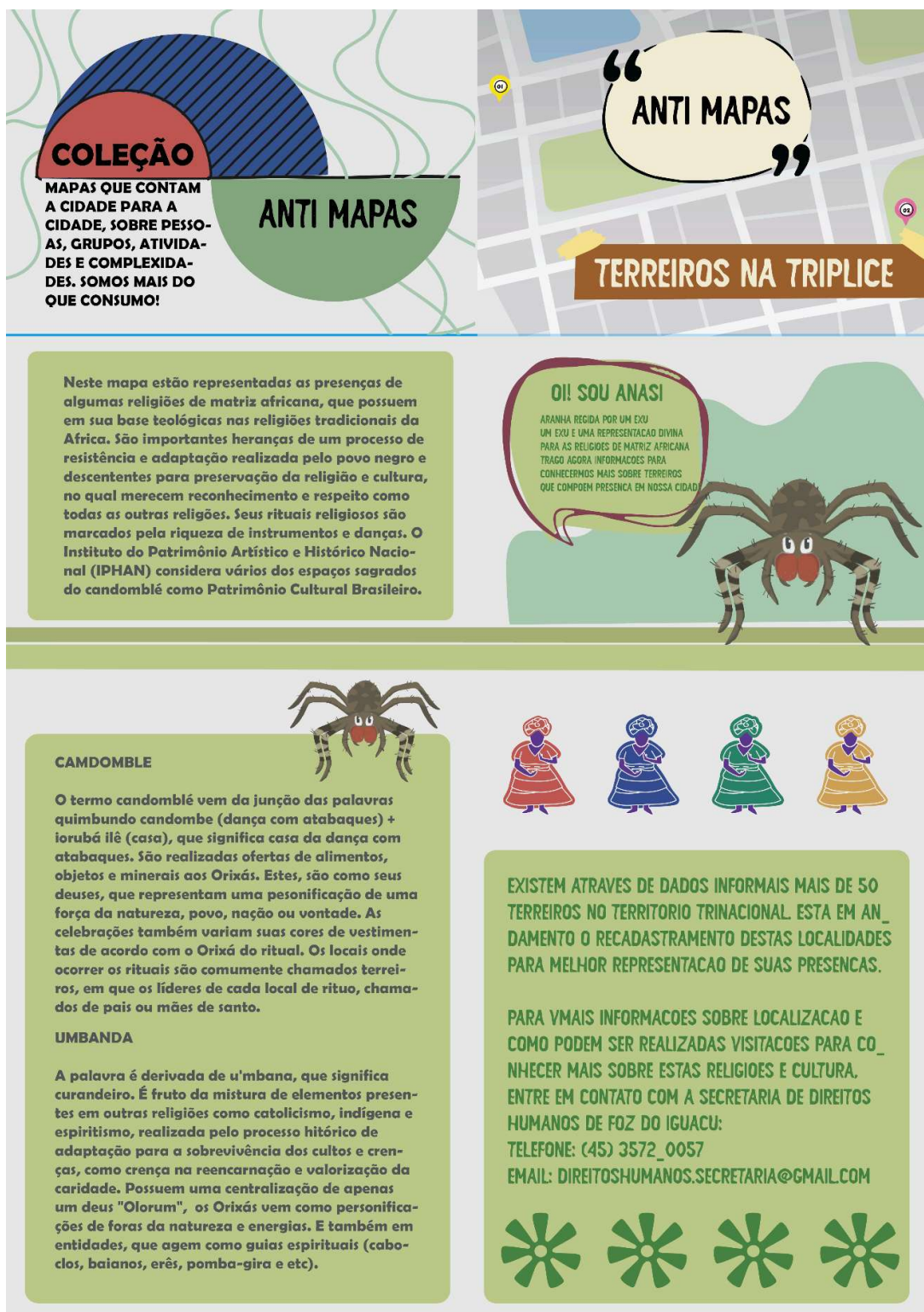
Plano diretor de desenvolvimento integrado sustentável 2016 - PDDIS FOZ. Disponível em <http://www.pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=102425> <acesso em: 11 de maio de 2021>

PPC — PLANO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), 2014. Disponível em: <https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/ppc_arquitetura_e_urbanismo.pdf>. Acesso em: 03 março 2022.

APÊNDICE:



mapa formato A3, dobrável, parte interna



mapa formato A3, dobrável, parte externa